

Padre

Joaquim José da

Rocha Espanca

M
E
M
Ó
R
I
A
S
D
E
V
I
L
A
V
I
Ç
O
S
A



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Convento de Santa Cruz - Fachada principal da Corredoura

NA CONTRACAPA:

Mosteiro de Santo Agostinho - Porta lateral da Igreja do Largo da Fonte Pequena, também chamado de N^a Sr^a da Graça, e cruzeiro, que foi recuperado do Rossio de S.Paulo

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia integral do texto do manuscrito de AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS

DE

VILA VIÇOSA

CAPITULO CXLVII

Crónica do ano de 1883.

Imposto de consumo sobre o sal. Estreia nas novas contribuições parochiais. Suspensão do imposto de consumo sobre os fumeiros dos particulares. Teatro na Esperança. Semana Santa. Geadas extraordinárias em Março. Projecto de aforamento do Monte de El-Rei de Bencatel. Encerramento dos lagares de azeite. Primavera invernosa. Omissão da procissão de Corpus Christi. Extinção do Convento de Santa Cruz. Ampliação do Jardim da Lapa. Colheitas e frutos, raros e serôdios. Melhoramento do açougue do peixe. Continuação da estrada distrital nº 106. Introdução das moedas novas de cobre. Recrutamento. Eleições municipais, etc. Pontifical do Bispo da Guarda. Obras municipais. Uma freira de menos. Colheitas e preços dos géneros alimentícios. Uma surda-muda.

I

Não entrou com boas feições para o povo o ano de 1883. Tinha-se publicado em Dezembro último a lei do imposto de consumo sobre o sal que é tempero indispensável para rico e para pobre, com o seu Regulamento de 23 do dito mês, para começar a vigorar em Janeiro deste ano, ficando cada litro sujeito à contribuição de 8 réis, paga nas salinas, que se achavam recheadas, esperando os produtores empolgar para si neste primeiro ano o proveito do imposto. Assim foi. Tinham muito sal armazenado. E tanto que se pôs a lei em vigor, subiram logo o preço do alqueire de 120 ou 140 réis a 240 e 280. Cada alqueire veio, pois, a custar mais 120 réis!

Pobre povo! Em vez de tributarem os objectos de moda, as drogas e utensílios de luxo, de que só usa quem quer, vão tributar o sal, de que ninguém pode prescindir!... Pobre povo! E a nada chegam os teus sacrificios porque as fauces do tesouro público devoram tudo e nada lhes basta para matar o "déficit" anual...

Logo neste primeiro ano se observou que o tributo do sal ao mesmo tempo que vexatório para o povo não dava ao tesouro do Estado a receita calculada pelo ministro Fontes porque o contrabando começou logo a ser muito, ga-

nhando os produtores ou comerciantes os 120 réis do imposto em cada alqueire. E, sendo preciso multiplicar o número dos guardas fiscais, lá se ia a receita pela despesa com honorários aos ditos fiscais...

II

Outra estreia esfoladora do povo foi a inauguração das contribuições paroquiais de 3% adicionais sobre os tributos prediais, industriais e pessoais pagos ao Estado. Só em Bencatel se estava pagando uma derrama desta natureza para as despesas da escola de instrução primária que estavam a cargo da Junta de Paróquia. Mas agora, em vista da lei de 2 de Maio de 1878 sobre a reforma de escolas primárias, ficaram autorizadas todas as Juntas de Paróquia a lançar até 3% sobre as três mencionadas contribuições gerais. Fizeram-no já neste ano as Juntas da Matriz e de S. Bartolomeu, ficando ainda para o fazerem mais tarde as de S. Romão e Pardais onde não foram ainda criadas escolas algumas. Quando, pois, os contribuintes compareceram a pagar os seus impostos na Recebedoria do Concelho acharam lá de novidade os recibos das duas ditas Juntas para os pagarem na mesma ocasião (de 2 a 31 de Janeiro).

Os inspectores e subinspectores apareceram no estio a visitar as escolas públicas e particulares para, ao menos aparentemente, averiguar qual a razão das grossas fatias que lhes foram arbitradas a título de honorário do seu trabalho.

III

Veio, porém, consolar-nos uma coisa no meio de tanta opressão do fisco: foi suspender-se o imposto de consumo sobre os fumeiros (ou cabeças de gado suíno gordo) comprados pelos particulares para consumo das suas famílias e que se cobrara nos dois anos pretéritos. Parece que havia errada interpretação do tributo do Real de água por parte dos funcionários fiscais, verificando-se mais uma vez que ainda os executores das leis da Fazenda Nacional são, em regra, piores do que elas.

Apesar de haver uma extraordinária abundância de bolota, ainda neste ano se vendeu a carne de porco a 3 200, 3 500 réis cada arroba (de 15 quilos); isto é, por mais alto preço do que no ano anterior em que houvera escassez devido isto à concorrência de mercadores espanhóis que levaram muitas centenas de cabeças.

IV

Depois da festa dos Reis começaram as chuvas deste inverno, vindo serôdias para também serôdias acabarem pelo mês de Junho adentro. Rebentou em Janeiro a fonte do Alandroal e as azenhas de Bencatel e Pardais entraram no seu giro que desde Setembro último se achava interrompido para a maior parte delas.

V

Cerca do Entrudo apareceu nesta vila uma companhia dramática e alojou-se no Convento da Esperança para tornar a funcionar o teatrinho da enfermaria das Freiras. E funcionou de facto com muita concorrência, continuando estes divertimentos a ser frequentados pela quaresma adiante. *Oh tempo*! *Oh mores!* Chama-se àquilo folgar no meio de escombros e devastações do vandalismo contemporâneo!

Considerar que ali era uma clausura de oração e consagração à virtude, olhar em torno e vê-la meio demolida já para se mercadejar com os seus materiais, contemplar os montões de entulho, as casas destelhadas, etc. eram motivos antes para fugir dali espavorido um filósofo e muito mais um cristão. Mas... o espírito materialista do século, insuflado pelas doutrinas e práticas do Liberalismo, vai dando os devidos frutos.

Daqui a pouco um português só na figura diferirá dos brutos!

VI

As festas da semana santa fizeram-se na forma do costume, havendo apenas a diferença neste ano (e pela primeira vez) ser o Lava-pés feito pela Ordem Terceira de S. Francisco em que figuram na quase totalidade só os homens do povo. O Ministro era o criado do Paço, Serafim José Lourenço Cameira, que com exemplo a outros de mais subida qualidade e riqueza mostrou mais uma vez o seu zelo pelo culto divino. Deus lho pagará.

Outra diferença foi descer ao Rossio a procissão da Ressurreição, também pela primeira vez.

VII

Entretanto correu uma primavera frigidíssima, tão fria como de outra se não lembravam os contemporâneos. Depois de alguns dias quentes na última dezena de Fevereiro em que desabrocharam os gomos das árvores, sobrevieram grandes gelos principalmente na noite de 9 para 10 de Março e ficaram crestados esses gomos de que deviam sair as flores e os frutos. As árvores que mais padeceram foram: 1º - as laranjeiras, cujo fruto, maduro ou quase, caiu logo e os rebentos novos tostaram-se perdendo assim o fruto do ano seguinte, com excepção de raras laranjeiras que estanciavam em sítios muito abrigados; 2º - as romeiras; 3º - as figueiras. Estas, porém, que são as árvores de fruto mais certo que possuímos, tornaram a rebentar mais tarde, não deixando assim de haver figos vendimos ou serôdios com abundância ainda que três semanas mais tarde. Os lampos foram-se.

Houve favais que se perderam inteiramente; outros porém refizeram-se. A fruta de caroço reduziu-se a raríssima cereja e brunho. Avultou um pouco mais a pêra que se vendeu a 80 réis o quilo. De alperches, damascos e pêsesegos, nada. Quanto a marmelos e bolota, pouco mais de nada. Azeitona, muito pouca também.

Foi portanto este ano tão escasso de frutas como fôra abundante o precedente.

VIII

Na primavera começou a Casa de Bragança a ensaiar o projecto de aforamento da herdade chamada *Monte de El-Rei*, de Bencatel, distribuindo-a em courelas pelos moradores da mesma aldeia que desde muitos anos assim o requeriam. Apresentou-se o Almojarife Mouta a riscar as courelas trazendo consigo um condutor de obras públicas e alguns criados da Casa. Retalharam a herdade em 66 courelas. Isto em Março. No seguinte Abril instalou-se uma Comissão de Bencatelenses por ordem do Administrador Geral António Avelino Cardoso, a fim de poder entender-se com ela a Casa de Bragança. A dita Comissão avaliou todas as courelas no dia 10 pondo-lhes o valor total de 450\$000 réis ou duas rendas e meia do que estava produzindo como herdade e ficando também logo distribuído o giro da água do Trincarlos. Mas depois de remetido o relatório da Comissão, não mais se falou em tal aforamento que devia ser remível em prestações anuais dentro de seis ou oito anos.

IX

Deu-se neste ano o caso de funcionarem os lagares de azeite até ao mês de Abril, não só pela abundância de azeitona, como também principalmente por esta ter vindo serôdia. A maior parte destas fábricas fecharam-se na primeira quinzena de Abril, mas ainda continuou por alguns dias o lagar da horta do Couteiro e a lagareta da rua do Chafariz.

X

A primavera foi invernosa e tanto que os nascidos não se lembravam de outra assim. O mês de Maio não se mostrou como de costume o formoso mês das flores: foi um mês de aguaceiros constantes e o de Junho teve a aparência de um Maio dos outros anos: frio, húmido e ventoso. Ainda se fizeram nas paróquias preces públicas *ad postulandam serenitatem* a 7, 8 e 9 de

Maio. E se não escampa neste último, estavam os Terceiros para levar a imagem de S. Francisco para a Matriz. Repetiram-se depois os chuveiros, mas não se repetiram as preces porque com qualquer suspensão enxugavam logo os campos.

Verificou-se contudo o rifão dos antigos: *Água no mês de S. João tira a zeite, vinho e não dá pão.*

XI

A Câmara, depois de ter convidado o Clero para a procissão de *Corpus Christi*, reconsiderou que estavam doentes alguns Vereadores e resolveu omitir a dita procissão neste ano. Houve porém no povo algumas censuras a tal respeito e eu mesmo ouvi dizer a alguém que nunca houvera tantas providências para remediar a falta de Vereadores doentes como no tempo actual em que os efectivos são sete com outros tantos substitutos, isto é, catorze ao todo. Logo, de onde proveio a suspensão da procissão? Veio antes de uma coisa que se chama indiferença ou falta de fervor para o culto divino.

XII

O acontecimento principal deste ano foi a extinção do Convento da Santa Cruz. Faleceu em 13 de Julho a única Freira e Priora, Madre Rosa Joana Adeodata de Santo Agostinho, natural de Portalegre, a qual se recolhera a este convento em 1879 por morte da Priora D. Próspera para lhe dar vida por mais quatro anos e meses - procedimento avesso da conduta da Abadessa da Esperança que safu da clausura em 1866 e sobreviveu ainda à Madre Rosa, morando com os seus parentes em Estremoz!

Era maior de 80 anos e, sentindo-se gravemente enferma, pediu e recebeu em 12 do dito mês os últimos sacramentos. Foi sepultada em 14 no cemitério da Matriz para se juntar ali às suas treze companheiras que faleceram depois do memorável ano de 1834.

As educandas e criadas foram saindo pouco a pouco de sorte que em 13 de Agosto, ou um mês depois, ficou inteiramente deserta aquela casa religiosa que funcionara 354 incompletos!

O Escrivão de Fazenda Joaquim José Fernandes tomou posse do cartório e

dos bens, exceptuando alfaias e paramentos da Igreja. Foi logo arrendada a cerca e avaliado o convento em três secções para se pôr em venda em ocasião oportuna.

O nosso povo sentiu viva mágoa de ver fechado mais este instituto religioso. Daí resultou planejar-se logo a transferência da Irmandade das Almas do Espírito Santo para a Igreja do Convento sobredito a fim de a manter aberta ao culto divino. E porque levava tempo o requerer-se às Cortes a doação do templo com os seus anexos, o Administrador do Concelho Diogo de Castro e o Escrivão de Fazenda Fernandes favoreceram o projecto dando à dita Irmandade posse provisória da Igreja e suas oficinas indispensáveis, de maneira que em 4 de Novembro realizava-se não só a trasladação da Irmandade das Almas senão também a da Senhora do Rosário da mesma Igreja do Espírito Santo a fim de que ambas pudessem melhor conservar o templo de pé. Os paramentos e alfaias ficaram como devia ser na mesma Igreja, pois de outra sorte não queriam encarregar-se dela as Irmandades referidas.

Os promotores da transferência foram: Francisco José Farrifa, tesoureiro das Almas, Mariano da Boamorte Rosa, irmão da mesma Irmandade e Contínuo da Câmara, João António Correia Fusco, tesoureiro da Confraria do Rosário e enfermeiro da Misericórdia - todos artistas e homens do povo!

Havidas as licenças do Ordinário do Arcebispado, efectuou-se de tarde com pompa a trasladação das imagens de S. Miguel e Nossa Senhora do Rosário, não se dirigindo logo à Santa Cruz mas subindo à rua dos Fidalgos, descendo ao Terreiro do Paço e tornando a subir pela Corredoura onde está quase ao cimo o Convento agora extinto. Encerrou-se o acto com um *Te Deum* por música de órgão.

Tomaram parte nesta procissão as Irmandades do Santíssimo, a Ordem Terceira e a Confraria da Misericórdia, cuja era a casa donde ela saía e atrás tocavam as filarmónicas.

Pode dizer-se que foi então que verdadeiramente a Paróquia de S. Bartolomeu se despediu da Igreja do Espírito Santo, pois, ao menos, a Irmandade das Almas era pertencente à antiga igreja paroquial que esteve no meio da Praça Nova e, segundo alguns, já se hospedara por algum tempo na Igreja da Santa Cruz, servindo-lhe de capela o altar que hoje é de Santa Ana.

A 18 e 19 de Novembro já a Irmandade das Almas fez os seus officios fúnebres em casa própria.

Outro acontecimento igualmente importante foi o projecto de ampliação do jardim da Igreja da Lapa empreendido pela respectiva Irmandade. Alcançou esta primeiramente que a Câmara lhe doasse uma pequena faixa de terra do Carrascal ao longo do farrageal dos Silveiras e bem assim as cantarias do Convento de S. Paulo que fossem aproveitáveis para este fim. Não podia, porém, a obra ficar simétrica e perfeita sem que se tomasse do sobre-dito farrageal dos Silveiras, situado ao norte da Igreja, uma porção de terreno igual à do jardim antigo que era somente da parte do sul. Receava-se que o actual representante dos Silveiras, Inácio da Silveira Menezes, por causa das anteriores discórdias de regeneradores e progressistas negasse a concessão do terreno visto figurar na Irmandade principalmente o grupo dos antigos progressistas. Mas não aconteceu assim. Indo ele proximamente, como Juiz Ordinário, a S. Romão com o cirurgião João Gomes Jardim, Juiz da Irmandade, e o tabelião José Joaquim dos Ramos Leal, irmão mesário e um dos influentes da obra, foi este o primeiro a falar ao Silveira na pretensão da Irmandade. E ele prontamente disse que assim como seu bisavô, Manuel Diogo, dera o terreno para se edificar a Igreja, da mesma sorte dava ele o que fosse preciso para ficar perfeito o novo jardim. E ajuntou logo que procederia a mandar murar o resto do farrageal (dantes olival) até à estrada de Mau-Freire ou de Montes Claros para mais beleza daquela face do Carrascal. Isto succedeu no mês de Junho com geral satisfação de toda a gente.

Na feira de Maio tinha a Irmandade já feito compra de duas juntas de novilhos para serem rifados na soma de duzentos mil réis que era o dobro do seu custo e distribuíam-se os bilhetes não só na vila e seu termo senão também por Borba, Alandroal e Redondo. Com este dinheiro, pois, se deu princípio à obra em Julho, derrubando-se primeiramente o muro exterior do jardim antigo principiando em seguida um outro novo, mais adiante, perfila do com o da cerca (já desamortizada...), na altura de 80 centímetros para nele se montar um engradamento de ferro e fabricando outro muro alto da parte do norte ou do farrageal dos Silveiras prolongado até à traseira da Igreja como era, vice-versa, o jardim antigo. No frontispício collocaram três pórticos fornecidos todos pelo Convento de S. Paulo, ficando no meio o da Casa do Capitulo dos Frades sem o arco respectivo. O muro baixo de entre

os pórticos foi guarnecido superiormente com cantarias do mesmo Convento, excepto na volta da curva central para onde já se tornou preciso comprá-las. A cruz da serpente houve necessariamente de ser tirada e reconstruído o seu pedestal mais para dentro do Carrascal.

Ora, como todas as obras de edificação exigem sempre um dispêndio muito superior ao calculado nos seus orçamentos, succedeu gastar-se o produto da lotaria dos novilhos e mais alguma coisa, não obstante darem quase todos os alvenéus da vila um dia de trabalho e haver achegas de esmola.

Mas, enfim, nas obras de Deus principalmente não falta nunca o auxílio da sua Providência. A Priora de Santa Cruz, já defunta ao tempo de se extrafr a lotaria em 8 de Setembro, comprara 45 bilhetes (de 100 réis cada um). Oferecera-os logo a Nossa Senhora e foi num desses que caíu a sorte da melhor junta de novilhos, obtendo assim a Irmandade uma nova esmola de mais cinquenta e tantos mil réis.

Ficou portanto a consumação daquela obra reduzida somente a adquirir a gradaria de ferro e portões para a frente do jardim, pois com a plantação de árvores, arbustos e flores pouca despesa tinha a fazer-se no futuro.

XIV

As colheitas de cereais e legumes vieram este ano muito serôdias e assim verificou-se o passarem as debulhas do mês de Agosto para o de Setembro, coisa não vista dos contemporâneos e tudo efeito de ser a primavera excessivamente húmida e fria.

Com as frutas e hortaliças deu-se o mesmo caso: tudo tardio. Por isso não foi ano propício para criação de melancias, melões e pepinos.

Colheita de trigo, mediana; de cevada, escassa, abundando somente as cevadeiras serôdias; mas de aveia e centeio, abundantes fundas. Os preços destes géneros ao tempo da colheita (e depois ainda pelo inverno) ficaram baixos: trigo a 480-540; cevada a 240-280; centeio a 300; aveia a 160-180.

As frutas de caroço e pevide é que estiveram caríssimas por não as haver no mercado senão muito raramente. Alguma pêra que aparecia custava a 80 réis o quilo e o brunho a 60.

Em Agosto mandou a Câmara reformar o açougue do peixe em harmonia com o que se praticara já no da carne. Ficou obra asseada e barata ao mesmo tempo. A mina do Convento de S. Paulo ainda se não esgotara e deu os mármoles precisos. Destruíu-se o balcão alteado que estava à mão esquerda e levantaram-se mesas de pedra ao longo da casa para ali poder cada comprador analisar o peixe e vendê-lo cada expositor, tendo todas a sua balança quando nos antigos só havia uma ou duas. E, fora do balcão, a balança do repeso, caso de o quererem verificar os compradores como sucedia também no da carne.

Outra novidade que nos trouxe este ano foi a introdução das moedas novas de cobre, reduzidas a menos de metade do peso das antigas de cobre e bronze (moedas de 40 réis). A esta liga moderna chamam também *bronze*, posto que a cor seja mais semelhante à do cobre. No mês de Janeiro vieram para a Recebedoria do Concelho 227\$000 réis para ali poderem ser trocadas as moedas de 5 réis, as quais ficaram agora sendo as mais pequenas. Trocaram-se, com efeito, e sobejou outra tanta quantidade, provando-se com isso não haver em circulação mais de cento e tantos mil réis em tal moeda.

A remessa de outras de 10 e 20 réis foi na quantia de 1 500\$000 réis e no mês de Setembro. Não chegou para cambiar toda a moeda velha de 10, 20 e 40 réis (patacos de bronze), é verdade. Como porém daí em diante já o cobre em circulação era novo na sua maior parte, fiquei entendendo que o cobre e bronze em circulação no concelho seriam na cifra de dois contos ou pouco mais.

XVII

Começaram em Agosto os trabalhos para conclusão da estrada distrital nº 106, de Vila Viçosa ao Alandroal, cujos extremos estavam já concluídos, como dito é, restando o centro dela com outra tanta extensão entre o alto da serra e a ponte do Alcalate. Depois de andar a empreitada em praça com falta de concorrentes a ela, foi modificado o traçado em ordem a ficar menos dispendioso, o que se conseguiu encostando a estrada às abas ocidentais do Outeiro da Torre onde ia o caminho chamado "Alto de Pardais". E é certo que esta nossa freguesia rural muito lucrou assim por lhe ficar tão apto para a gente da Ribeira como para a da aldeia da Fonte do Soeiro.

Tomou a empreitada o condutor Rosa, estabelecido em Evora, por nove contos (quantia redonda). Começaram-se os movimentos de terra em Agosto; continuaram com actividade e assim no fim deste ano achavam-se perto da sua conclusão.

Esta obra serviu de muita utilidade para os jornaleiros que não tinham abundância de trabalho visto o ano ser escasso de azeitona.

O jornal comum era de 240 réis.

XVIII

Verificou-se em 20 de Outubro, como era de lei agora, o sorteio para o recrutamento do exército.

O contingente do nosso concelho era neste ano de 17 recrutas, mas havendo 3 abonos de voluntários ou readmitidos. E, não tendo a Freguesia das Ciladas mancebo algum recenseado no ano corrente, nem subsidiário do ano pretérito, ficou o dito contingente reduzido a 13 e distribuído assim: 2 a S. Romão; 1 a Pardais; 4 a Bencatel; 4 à Matriz e 2 a S. Bartolomeu de que eram os 3 abonados, aliás daria 5.

As eleições para a Câmara tiveram lugar em 4 de Novembro, saindo eleitos Vereadores efectivos para o quadriénio de 1884-87 António José de Assa Castelo Branco, Joaquim da Silva Tavares e o boticário Júlio Almeida, e substitutos João Augusto da Silva Lobo, António das Neves Tarana e Inácio Falcão da Gama Pombeiro, Calipolenses todos três.

Esta eleição foi promovida por Inácio Clemente da Costa lavrador nos Amados e ex-Vereador, o qual trouxe de S. Romão e Ciladas uns 50 eleitores. E a estes acresceram na vila uns 20, sem que ninguém de propósito os convidasse. Se foi só ele quem formou a lista de chapa, não sei, mas julgo provável que alguém mais fosse ouvido nisso.

Continuaram na gerência do município os quatro Vereadores eleitos na última eleição de Novembro de 1881, e eram: José de Sousa, Tomé de Sousa, Manuel de Matos e Agostinho A. Cabral.

As eleições de Juntas de Paróquia fizeram-se a 18 do mesmo Novembro sem opposição de ninguém.

Não pertenceu ao nosso Concelho eleger vogal à Junta Geral do Distrito.

Fechou-se por fim a crónica do ano com um acontecimento de sumo prazer e regozijo para os Calipolenses e acontecimento inesperado: foi celebrar-se de Pontifical a festa da Imaculada Conceição em 8 de Dezembro.

O Bispo da Guarda, D. Tomás Gomes de Almeida, que neste mesmo ano fôra transferido da Sé de Angola, viera a Beja para ali tomar parte na sagração do novo Bispo da mesma cidade, D. António Xavier de Sousa Monteiro. E, ao tornar para o norte, quis primeiro recrear-se passando a Évora, Estremoz e Vila Viçosa a fim de visitar estas notáveis povoações transtaganas. Chegou aqui em 29 de Novembro trazendo em sua companhia unicamente o seu secretário Miguel Arcanjo Fernandes, Cónego de Goa, e hospedou-se em casa de D. Caetana Nogueira, na rua dos Fidalgos. Como o Vigário da Vara e Prior da Matriz, Angelo Maria Manhoso, recebesse carta do Governador do Arcebispado Dr. Abel Martins Ferreira recomendando-lhe que, com o Clero da vila,

acompanhasse e obsequiasse o Prelado Egitanense o melhor possível, lembrou-se, no segundo ou terceiro dia da visita, de pedir-lhe que se demorasse até ao dia 8 de Dezembro para celebrar de Pontifical a festa da Conceição. O Prelado, ouvindo esta rogativa, objectou a carência dos muitos paramentos e utensílios necessários para tal fim. Como porém o Vigário lhe afirmasse que na Capela Real ainda havia o suficiente (e muito bom) para tal função religiosa, aquiesceu logo à súplica prometendo satisfazer um desejo que se dizia e era efectivamente comum no nosso povo, pois apenas os maiores de 70 anos ou quase tinham o gosto de afirmar a sua assistência a tais solenidades na nossa vila.

Teve o Prior da Matriz de entender-se imediatamente com o Almojarife da Casa de Bragança, António Joaquim Mouta, não só por a festa da manhã do dia 8 com as vésperas e matinas correr por conta da Capela Real e ser tudo isto presidido pelo seu Capelão (hoje único), mas também para conceder os paramentos pontificais e utensílios necessários. Acedeu prontamente o dito Almojarife, que é sacerdote assim como o foram alguns dos seus predecessores no mesmo cargo, e até pôs o seu caleche à disposição do Prelado para se recrear pelos subúrbios da vila, visitar Borba, Bencatel e Alandroal, etc.

Foi também ouvido o Governador do Arcebispado que deu em resposta não só autorizar o Prelado Egitanense a proceder como se estivera na diocese da sua própria jurisdição mas até suplicava com instância que se dignasse aceder ao desejo dos Calipolenses.

Começou-se portanto a fazer logo os devidos preparativos o que nenhuma dúvida ofereciam por existirem todos os antigos utensílios e achar-se até na Capela-mor da Matriz a pequena roldana de ferro para se levantar o baldaquino de Bispo na ocasião de se expor no trono o Santíssimo Sacramento. Só faltava unicamente um báculo por não terem voltado mais os que estavam no tesouro levado para Lisboa ultimamente no princípio de Dezembro de 1826, mas não foi preciso pedi-lo fora da terra porque o Patriarca dos Gracianos tem um de prata doirada, muito capaz de suprir. E para que melhor suprisse puseram-lhe uma haste mais comprida e revestida com cana de prata e desta sorte nada foi preciso pedir emprestado fora da terra.

Entretanto o bondoso Prelado celebrou missa rezada na Matriz, na Igreja das Chagas (para obséquo das freiras) e no Colégio (para satisfazer o desejo das Beatas).

No dia 7 de Dezembro pelas seis horas e meia da noite, quando já tudo estava preparado para se principiarem as matinas, foi-lhe recado para ir to-

mar a presidência das mesmas visto prestar-se igualmente a este serviço de Deus e da Imaculada Virgem. E, apeando-se no adro, foi recebido à porta da Igreja por todo o Clero. Tomou a água benta e prosseguiu para a Capela do Santíssimo e depois para a principal, entoando o coreto o *Ecce sacerdos...* Parecia que a Matriz se transformara numa Sé e os moços principalmente que nunca haviam presenciado semelhantes actos sentiam-se profundamente comovidos deslizando-se-lhes pelas faces lágrimas de alegria pelo que viam e de saudade pelos tempos em que os mesmos actos se repetiam entre nós com frequência.

Os responsórios, *Te Deum* e *Benedictus* foram executados por música de órgão reforçado com baixo, contrabaixo e violinos.

A Laudes paramentou-se o Prelado cantando a última lição das matinas.

A Igreja estava rica e elegantemente decorada como sempre e com muita luz proveniente de dois lustres pendentes no corpo da Igreja e muitas placas e candelabros distribuídos por diversas partes.

O concurso de fiéis enchia já literalmente o templo vasto e majestoso da Matriz e previu-se logo que no dia seguinte haveria até imenso aperto com as gentes adventícias das vilas e aldeias circunvizinhas, como de facto aconteceu.

Pouco depois das onze horas da manhã do dia 8 chegava o bondoso Prelado vestido solenemente com batina, mantelete, roquete, murça e barrete na cabeça, trazendo ao pescoço uma cruz peitoral com brilhantes. E foi então recebido com a devida solenidade. O Prior da Matriz, de pluvial, ministrou-lhe a hissoppe e fez a incenseação na forma do Cerimonial dos Bispos. A Câmara, as autoridades civis e o comandante do destacamento de Cavalaria pegaram às varas do pátio e assim o acompanharam à Capela do Santíssimo e daí à Mor.

Sentado no sólio da parte do Evangelho, tratou-se da preparação para a missa de Pontifical. Serviu de Presbítero assistente o Prior da Matriz, de Diácono assistente (só um por falta de clero) o da Matriz do Alandroal Cláudio José Nicolau, de Diácono do altar o Prior de S. Bartolomeu João Maria Dinis Sampaio, de Subdiácono do altar também o Prior de Pardais, de Mestre de Cerimónias o Cónego Secretário de Sua Excelência, de sacristão da Capela Real, do Arcebispo para o báculo o Padre Caetano Joaquim dos Ramos, de ministro da mitra o Padre Faustino José Ferreira, de Borba; e dos misteres inferiores foram encarregados os sacristães da vila e um de Borba. Para os lavatórios foram chamados simultaneamente o Presidente e Vice-Presi-

dente da Câmara (José de Sousa e Tomé), o Administrador do Concelho (Diogo de Castro) e o Almojarife Comendador Mouta, pegando um no gomil de prata, outro na bacia e dois na toalha.

Serviu neste dia o paramento riquíssimo que por largos anos estivera depositado em Lisboa na Igreja da Estrela e que o Administrador Geral Sebastião do Canto e Castro Mascarenhas tinha feito recolher a Vila Viçosa. Era o melhor que tínhamos e fôra mandado fazer por El-Rei D. João V.

A missa no coreto foi de orquestra composta de curiosos da vila com alguns de Borba, os quais executaram belas sinfonias no princípio e fim da festividade, assim como depois do ofertório. Muito contribuiu para a magnificência do coreto um rapaz de Borba que cantava tiple, assim como fizera já no dia antecedente.

Ao Evangelho orou o Padre Joaquim Ribeiro Cavaca, Prior de Monte Virgem no termo do Redondo, o qual agradou muito porque soube impressionar vivamente o auditório rememorando o cerco de Vila Viçosa e sua consecutiva batalha de Montes Claros cuja vitória (disse ele) era impossível que se perdesse achando-se a Casa da Padroeira do Reino em perigo de cafr no domínio dos inimigos da nossa independência nacional.

Deu-se a paz às autoridades laicais por meio da cruz do Santo Lenho que pertence à Irmandade dos Paços e fez-se a exposição do Santíssimo no fim da missa com hóstia consagrada na mesma, segundo a praxe.

Calculou-se que o concurso dos fiéis dentro do templo era igual ao da festa do 1º de Julho de 1855, de sorte que só com muita dificuldade se podia transitar pelo amplo templo de três naves.

A comoção dos Calipolenses era imensa, despertando-se neles um vivo entusiasmo pelas glórias da sua terra que ainda assim, tão desprezada pelos poderes públicos, podia mostrar a sua superioridade às mais vilas do Alentejo no culto divino, com inveja de todas. E ao bondosíssimo Prelado ficam protestando inalterável gratidão pela fineza que lhe prodigalizara.

Diziam os antigos que o último Pontifical celebrado em Vila Viçosa fôra cerca do ano de 1822, na Igreja de Santo Agostinho e dia do mesmo Santo Patriarca, pelo Bispo de Elvas, Atafde, que fôra Graciano e viera obsequiar daquela forma os confrades da nossa terra, acrescentando que o Bispo de Nemésis, último do nosso Isento, apenas fizera assistências no sólio cantando as missas o Tesoureiro-mor, sendo causa principal disto o acharem-se em Lisboa os paramentos e alfaias episcopais.

A festa de tarde, no dia 8 de Dezembro, continuou na forma do costume

antigo e Sua Excelência Reverendíssima retirou-se no dia seguinte por Estremoz, acompanhando-o até lá o Vigário da Vara.

Não houve desordens nem atropelamentos apesar de circularem muitas carruagens de gala da vila e de Borba.

XXI

Além da reforma do açougue do peixe, executaram-se outras obras municipais de alguma importância. Em Fevereiro e meses seguintes, com interrupções, fez-se um pedaço de estrada macadamizada no alto do Rossio desde a rua de Frei Manuel entrando ainda pelo Carrascal. Ao mesmo tempo cobriram-se os canos da água ruça dos lagares da rua de Fora, terraplenando-se a maior parte da mesma rua e parte do alto Rossio com entulhos do Convento de S. Paulo: obras estas muito necessárias porque naquela passagem do Rossio para o Carrascal formavam-se de inverno grandes atasqueiros, mormente nos anos de grande novidade de azeitona em que por ali tanto circulavam veículos com pesadas cargas.

Em Setembro arranjava-se também de Mac-Adam com valetas calçadas a rua do Poço e a travessa da Esperança que nunca tinham sido atendidas até agora pelas municipalidades. Ao cimo da rua do Poço continuaram uma avenida para ligar com a que já descia pela Estacada ou Praça Velha com princípio de embelezamento. Esta obra foi também realizada com aprovação dos municípios.

A estrada municipal de S. Romão continuou de lá para cá, mas lentamente como sempre ali tem acontecido.

XXII

A 12 de Dezembro finou-se no Convento das Chagas a Madre Rafaela Albertina da Soledade, filha de um lavrador dos Leitões, e que desde alguns anos se achava entrevada. Contava uns 82 anos. Ficaram existindo no mesmo Convento (já único) a Abadessa Soror Ana Bárbara Xavier da Visitação e a Escrivã Soror Maria Carolina Augusta da Piedade, ambas naturais da nossa vila.

XXIII

Continuou muito frio o resto deste ano e em 18 de Dezembro pela manhã caíu neve em grande quantidade.

A azeitona foi pouca, mas bem criada e muito oleosa, de sorte que houve fundas de 17 alqueires de azeite por moio de azeitona, livres de maquia. O preço do azeite para exportação é que foi baixo e nada compensador: variou entre 1 020 e 1 060 réis, concorrendo isso para depreciar ainda mais o preço das courelas de olivedo.

Dos cereais já disse atrás os preços, também nada compensadores dos sures e despesa da sua produção.

O vinho vendeu-se por 1 000 réis o almude novo (20 litros) e o feijão a 1 000 e 1 200 e mais, ainda que geralmente não bem grado.

XXIV

Não dei ainda notícia de um caso de surdez em criança recém-nascida ou nascida já surda e que podia já ter dado. Mas fá-lo-ei neste anal por ser um caso tão raro entre nós que não há memória entre os vivos de outro igual.

É uma linda e encantadora menina, filha de Manuel dos Santos Serra, mercador, natural da Beira, e de Maria do Rosário Cardoso, natural de Benca-tel. Nasceu no ano de 1876 e freguesia de S. Bartolomeu. Só depois de contar dois e mais anos de idade se verificou a existência da surdez completa. E, como não ouve falar, também não fala. Exprime os seus pensamentos e sentimentos por meio de gestos e por tal modo se faz entender.

É pena que os seus pais não tenham meios de mandá-la educar num colégio de surdos-mudos onde aprenderia a ler e escrever, pois revela ter muita inteligência.

Chama-se Maria Etelvina.

CAPITULO CXLVIII

Crónica do ano de 1884.

Posse de Vereadores novos. Um inventário de órfãos. Restabelecimento da Comissão policial dos olivais. Arborização. Semana Santa. Trasladação de Nossa Senhora dos Prazeres. Primavera fria e chuvosa. Obras nos Paços do Concelho. Varíola. Lotaria a favor do engradamento do jardim da Lapa. Não se faz a procissão de Corpo de Deus. Comício popular para se reclamarem do Governo benefícios à vila. Eleição de Deputados. Duas explosões fatais. Modificação do imposto do sal. Calores do estio. Medidas sanitárias por causa da peste. Escândalos da Junta Geral na aprovação dos orçamentos das Irmandades. Nova inauguração da estrada municipal de S. Romão. Calipolenses premiados na exposição agrícola da Tapada Real da Ajuda. Festas da Lapa e do Senhor da Piedade. Uvas. Preços dos cereais. Eclipse da lua. Contingente do recrutamento. Escola de ensino complementar. Exacções fiscaes do Real de água. Preparativos para uma visita do Príncipe D. Carlos. Neve. Preço do azeite e do vinho. Contribuições.

I

No princípio deste ano tomam posse os Vereadores novamente eleitos para o quadriénio de 1884-87, e foram: António José de Assa Castelo Branco, Joaquim da Silva Tavares e o farmacêutico Júlio Maria de Almeida que apenas serviu o seu cargo até 30 de Outubro seguinte, dia em que se retirou para Vila Boim por haver aceitado o partido de boticário daquela vila, posto a concurso neste verão, o que demonstrou ter sido prematura a resolução dos que o elegeram cá sem ainda estar bem aclimatado à terra ou sem ter o seu domicílio bem fixo.

Quando ele se ausentou, foi chamado à efectividade o Vereador substituto João Augusto da Silva Lobo, filho do falecido Vereador António Maria Lobo. Os outros quatro que continuaram na municipalidade foram: José de Sousa, Tomé de Sousa, Manuel de Matos e Agostinho Cabral.

II

É bom arquivar certos factos visto dizer-se que contra factos não valem argumentos e o seguinte mostra bem claro quanto nos vale a protecção da justiça regulada pela balança dos liberastas. Por morte de Serafim José Chumbeta e sua mulher Maria da Conceição de Terena, ficaram órfãos três filhos seus e, como possuíam um pequeno prédio de casas em Bencatel, terra do seu domicílio, junto ao Poço de José Pires, a Justiça do Redondo procedeu a inventário do seu casal, nomeando por cabeça do mesmo a avó paterna dos órfãos. Ora, importando as custas do inventário em 17\$432 réis e não havendo outra coisa em que fazer dinheiro, mandou o respectivo Juiz de Direito pôr o prédio de casas em praça a 2 de Fevereiro. E como apparecesse apenas um licitante que ofereceu ainda preço menor de 60\$000 réis - quantia em que as casas foram estimadas - arrematou-lhas a Justiça e deste modo se pagou das custas pondo o resto do dinheiro na Caixa Geral dos Depósitos em Lisboa. Daqui só com trabalho e despesa não pouca poderão os órfãos levantar as suas magras legítimas quando chegados à maioridade e por não gastarem tanto como vêm a receber, é mais provável que nunca as levantem da Caixa Geral: caso frequente nos nossos dias. Eis um dos "benefícios" que nos trouxe o detestável liberalismo!

Este inventário podia ser evitado visto que os pais dos menores faleceram no hospital da Misericórdia e não tinha o Pároco obrigação de notificar os óbitos deles ao Delegado da Comarca. O abandono porém que padeceram os órfãos a principio por parte dos seus parentes fez que alguém requeresse o inventário para se designar tutor aos órfãos. Se tal não se fizesse, os órfãos quando maiores dividiriam entre si a herança paterna conservando-se ela intacta, o que algumas vezes se verifica se é possível evitar a intervenção da Justiça... Este nome, hoje em dia, só de ouvir-se faz arrear o povo tanto como quando se nomeia peste, fome e guerra!

III

Tendo muitos cidadãos requerido à Câmara Municipal que se restabelecesse a *Comissão policial dos olivais*, criada em Outubro de 1864 e extinta em 1879, convocou a mesma Câmara os proprietários desta classe de prédios para o dia 2 de Fevereiro, depois de ter deliberado (por divergência de um ou dois vereadores) que a Câmara ficasse inteiramente alheia a tal Comissão desligando-se do compromisso de suprir à mesma comissão quaisquer despesas na polícia dos olivais.

Reuniram-se, com efeito, uns vinte e tantos proprietários entrando eu nesse número e votou-se a reorganização da Comissão sobredita modificando-se o regulamento respectivo conforme a atitude presente da Câmara e elegendo-se para vogais o Dr. Rivara, os Vereadores Tavares e Assa, F.A. Soeiro e António José Torrinha Júnior (de Bencatel). Teve o primeiro a presidência e o segundo a tesouraria.

Assim, pois, serenadas já as discórdias intestinas, cessou quase inteiramente a recusa da cessão ou abdicação de pastos por parte dos seus donos. A Comissão obteve logo arrematações de quatrocentos mil réis - quantia suficiente para se pagar a dois guardas permanentes e a outros dois temporários no inverno - e utilizou também o Município o eximir-se de pagar este importante ramo de polícia rural.

Note-se que os pastos e gustadouros vendidos, entre o fim do apanho da azeitona e o dia de S. Miguel Arcanjo, são os pastos e ervas não aproveitados pelos seus donos e mantendo estes sempre o seu domínio particular quanto à sua pessoa e animais próprios. E assim mesmo todos os anos a Comissão convida os proprietários a declararem até ao dia da arrematação se retiram os seus pastos, entendendo-se que os cedem a benefício da polícia rural os que não fazem expressa reserva deles, o que é raro e quase sempre feito de algum capricho estulto.

IV

Na primavera fez-se uma nova plantação de eucaliptos no Carrascal para suprimento de outros que se haviam perdido entre os da primeira plantação

(1874). Acrescentaram-se dois renques da Fonte Nova para o poente, ao longo da estrada de Bencatel; puseram-se outros no baixo Carrascal ao longo das casas do Brigadeiro até ao alto Rossio onde se enfileirou uma ordem de acácias até defronte da rua de Frei Manuel e plantaram-se dois renques novos de eucaliptos na primeira estrada de S. Romão, além da ponte da Aldeia subindo para o Outeiro da Boa Vista.

Estas plantações foram porém muito danificadas com os gelos e neve que caíram em Dezembro deste mesmo ano, ficando perdidos, meio por meio, os eucaliptos. Ao contrário, ficaram incólumes deste danos da estrada distrital nº 106 plantados em Maio desde o alto da Serra até ao Lagar de Cima.

V

A Semana Santa foi festejada na forma do costume, oferecendo-se apenas as seguintes diferenças. Não houve lava-pés em Igreja alguma; não se fez a missa de pré-santificados na Ordem Terceira; houve lausperene na Santa Cruz a expensas das irmandades que ali foram estabelecer-se; e assim entrou lá a procissão do Enterro do Senhor na sexta-feira e houve sermão de Soledade no fim.

VI

No Domingo da Pascoela transferiu a Misericórdia para a sua Igreja a Imagem da Senhora dos Prazeres que era da Santa Cruz e pertencia à Capela de Rui de Sousa Pereira e sua mulher D. Francisca de Noronha, o que foi resolvido pela respectiva irmandade com o louvável fundamento de querer a Santa Casa olhar pela conservação da sobredita Imagem, por se achar no gozo dos bens com que fôra dotada a capela de que a mesma Senhora era titular, já transferida há muito para a Igreja da Misericórdia e reduzida ultimamente em 1883 pelo Papa Leão XIII às missas de domingos e dias santos.

Outro motivo desta trasladação (por certo até o principal) foi achar-se devoluta na igreja da Misericórdia a Capela do Rosário onde collocaram a Senhora dos Prazeres. Na Santa Cruz, por sua vez, foi a Senhora do Rosá

rio para o nicho da capela dos Prazeres, havendo por conseguinte uma troca de poisos.

VII

Depois de ter sido seco o inverno até Janeiro, esfriou de então para cá tornando-se muito fria e chuvosa a primavera e saindo (como sempre nos últimos anos) muito serôdios os frutos do estio e do outono.

VIII

A Câmara procedeu na mesma primavera a obras nos Paços Municipais. Foram limpas todas as cantarias e oleadas todas as portas interiores e exteriores e as janelas, bem como os ferros de grades e sacadas. Pena foi que não se retocassem os quadros da sala consistorial do Concelho.

IX

Recrudescceu, também na primavera, a epidemia de varíola ou bexigas na vila e apareceu de novo em Bencatel e Pardais. Em Bencatel só houve o caso fatal de um menino de curta idade, mas em Pardais foram oito os casos fatais entre mais de um cento de atacados, não ficando ileso o Pároco, autor destas *Memórias*, que também sofreu uma pequena dose nos fins de Maio.

Valeu muito acharem-se vacinadas a maior parte das pessoas e correrem muitas a repetir a inoculação vacínica. No entanto especializarei que em Pardais se verificou o facto de se repetir o contágio em dois menores ao cabo de quinze dias do primeiro assalto, achando-se já então secas as primeiras bexigas e os rapazes restabelecidos, e virem a falecer do segundo ataque.

Em Vila Viçosa faleceram não poucas pessoas, mas principalmente menores. Provou-se todavia que as pessoas bem vacinadas, se tiveram bexigas, foram elas alvares ou benignas e não mortíferas.

Começaram os Irmãos da Lapa a dispor em Maio uma lotaria de 7 000 séries de quatro bilhetes cada uma, vendidas a 100 réis, a fim de que produzisse o rendimento bruto de 700\$000 réis em benefício do engradamento do jardim novo. Para atrair a devoção de mistura com o interesse pessoal dos contribuintes, compraram seis prémios que foram: um faqueiro de prata constante de 36 peças (colheres, facas e garfos); uma salva de prata; uma dúzia de colheres de chá e caço também de prata; uma pulseira; um par de brincos de orelhas e uma abotoadura de ouro. Por constar esta lotaria de 28 000 bilhetes, só pôde ser regulada pela lotaria de Espanha de 23 de Dezembro e não pela de Julho como fôra anunciado. Coube o maior prémio (o faqueiro) e a pulseira ao nosso patrício Bernardo da Piedade Costa, residente em Olivença.

Entretanto, conforme se recolhia o produto dos bilhetes vendidos, contratou-se a feitura das grades com os artistas da terra Toscano e Prado (Companhia): resolução geralmente apoiada por chamar para a vila o nosso dinheiro e o dos subscritores de fora e poder contribuir para o desenvolvimento da indústria Calipolense. Assim, já no princípio de Junho estava assente um lanço de grades e como se iam assentando à proporção que se acabavam na fábrica foram os últimos postos em Agosto.

Ficaram ainda para outra ocasião os três portões por não chegar o dinheiro para eles.

Na mesma época promovia o tabelião Ramos uma subscrição particular para a aquisição de vinte bancos de madeira sobre pés de ferro a fim de repousarem neles os frequentadores do jardim, mas não foram colocados ainda neste ano.

XI

Devia ser em 12 de Junho a procissão do Corpo de Deus e a Câmara deixou de promovê-la com escândalo dos munícipes, sendo este já o segundo ano em que tal acontece.

Nada há que justifique este procedimento, pois havendo, segundo o C.A.

de 1878, vereadores efectivos e substitutos, quando uns estejam legitimamente impedidos não o estão os mais. E acresce que as Câmaras das terras vizinhas como Borba, Alandroal e Redondo não dão estes maus exemplos, sendo até pontualíssimos em assistir às procissões e festas de S. Sebastião e Páscoa. A Corte de Lisboa também não dá semelhantes escândalos: ou sejam muito con corridas ou pouco, as procissões gerais lá se fazem sempre.

Se não gostarem, pois, os Vereadores actuais destes meus reparos, embora... Eles aqui ficam em boa letra para todos os lerem, assim como ficariam em seu elogio se o merecessem nesta matéria.

XII

A 8 de Junho reunia-se nos Paços do Concelho um comício popular (como lhe chamaram) convocado pela Câmara a instâncias do Vereador Agostinho Augusto Cabral que foi o principal autor deste acontecimento e dos que se lhe seguiram.

Deu motivo a este comício o decreto ditatorial do Ministério Fontes de 19 de Maio que autorizava uma reforma do exército em beneficio dos alferes graduados, criando mais seis regimentos de infantaria (19 a 24), mais dois de cavalaria (9 e 10), mais dois de artilharia (4 e 5), etc. Ora, tendo sido baldados até aqui os esforços dos Calipolenses para se alcançar para a nossa vila o regimento nº 3 de Cavalaria ou de Lanceiros nº 1, lembrou-se o Cabral e outros de trabalhar para obter que Vila Viçosa fosse o quartel de um dos novos regimentos de cavalaria ou ao menos de infantaria, parecendo (como efectivamente era) muito azada e propícia a ocasião.

Disse-se isto mesmo na assembleia do povo que foi muito concorrida. E, propondo o presidente da Câmara (José de Sousa) que se elegesse uma comissão para esta ir em nome do povo a Lisboa entender-se com o Ministro da Guerra e Presidente do Ministério (Fontes), elegeram por aclamação ao dito Cabral; António José de Assa Castelo Branco, também vereador; Matias de Castro Sottomaior, filho do Administrador do Concelho; Joaquim Maria da Silva Paracana; e José de Saldanha Sousa Menezes que se achava em Montemor e não veio juntar-se aos sobreditos.

O pensamento era bom, ninguém o pode negar. Eu o louvei, posto que não tomasse parte alguma na sua execução. Mirava ele a obstar que nunca se dis-

sesse: "Vila Viçosa teve uma ocasião de obter um quartel regimental e deixou perdê-la". Não, não é possível que alguém diga porque se fizeram as diligências que era possível fazer.

Os vogais da comissão popular, depois de elegerem por seu presidente o iniciador do projecto Agostinho Augusto Cabral, partiram para Lisboa em 16 do mesmo Junho. Dirigiram-se lá ao Barão de Alcochete Estêvão António de Oliveira Júnior e a José Maria dos Santos, dono da defesa da Pedra Alçada no termo do Redondo e quase sempre Deputado por Aldeia Galega: ambos de alguma representação na Corte unicamente pelo prestígio da sua riqueza. Expôs-lhes o presidente Cabral que pretendiam para Vila Viçosa uma comarca judicial e um regimento de cavalaria ou ao menos de infantaria, comprometendo-se o Concelho todo a votar na lista governamental nas próximas eleições de 29 do mesmo Junho para Deputados às Cortes Constituintes. O ministro Fontes, quando lhe foi apresentada a comissão por Estêvão de Oliveira, disse que não prometia com certeza regimento de cavalaria, mas sim de infantaria ou ao menos um parque de artilharia; e, quanto à comarca, isso era negócio para mais tarde. Mas aceitou o compromisso de votar o Concelho na lista governamental.

Para levarem a efeito a sua empresa, telegrafaram de Lisboa em 21 os comissionados ao Administrador do Concelho Diogo de Castro pedindo que se convocasse de novo o comício popular para o dia 23 - dia em que a comissão já de volta daria conta ao povo do ocorrido em Lisboa. Em tal comício referiu o presidente Cabral as promessas já ditas, assim como lembrou a promessa correlativa oferecida e aceite de o povo dar os seus votos aos candidatos ministeriais...

A maior parte do povo (o povo-criança como eu lhe chamo às vezes) creu firmemente que lhe vinham todos os melhoramentos prometidos e já planeava receber o regimento com arcos de verdura e flores, etc. Outra parte porém, a dos pessimistas, dizia que tudo aquilo eram palanfrúrios do Fontes e que nada se conseguia com a baixeza de pôr os nossos votos à sua disposição. Mas eu, colocando-me entre uns e outros, disse: - *É mais um desengano para que se não alegue contra nós o não diligenciarmos obter melhoramentos pelas mesmas vias, posto que muitas vezes indignas, de que sóem usar os mais povos do moderno Portugal.* Outros pensavam como eu.

Afinal de contas foi este jogo mais uma decepção para os que confiavam nos frutos desejados... Logo a 30 de Outubro (felizmente não durou muito a doce ilusão!) começou a publicar-se a reforma do exército ficando Vila

Viçosa a olhar... para as terras que adquiriram ser quartel dos novos cor
pos militares.

XIII

A eleição para Deputados às novas Cortes Constituintes (para serem re-
formados alguns artigos da Carta de 1826) teve lugar a 29 de Junho.

Estreou-se a nova lei eleitoral que fez do círculo 88 (agora) um círculo plurinominal de quatro deputados, menos um para eleições por agregação em todo o Reino e Ilhas (nova geringonça liberalista...), isto é, ficaram sendo as listas só de três nomes para todo o distrito de Évora, tornando -
-se assim impossível uma combinação dos concelhos a fim de prevalecer a in
fluência das autoridades governamentais e ficarem as eleições da mesma so
te sendo poeira lançada nos olhos do povo rude, a quem parece que vota mas não vota porque nem tem aptidão para isso (nem há-de tê-la nunca, excepto para cargos municipais), nem o faz livremente. A prova de que a votação plurinominal tolhe a liberdade dos eleitores nos concelhos apareceu logo na cidade de Évora, por onde fôra e de novo se propunha a deputado o decidido católico D. José de Saldanha, único verdadeiramente zeloso dos interesses eclesiásticos na passada legislatura. Se Évora nele votasse em lista unimominal, ninguém o suplantava. Agora com as listas de três nomes em todo o distrito, perdeu a eleição porque prevaleceram as listas ministeriais na maior parte dos concelhos.

Em Vila Viçosa houve pedidos de votos para eleição de progressistas, mas os requeridos cidadãos comprometeram-se apenas a arranjar, quando muito, duas ou três dúzias de listas por não desmancharem os projectos da comissão popular. E assim a lista do ministério teve quase todos os votos como po
de ver-se:

Estêvão A. de Oliveira Júnior	1 023
Dr. Cipriano Leite Pereira Jardim	1 006
A. M. da Cunha Belém	1 011

O Dr. Luís Leite Pereira Jardim, progressista, só teve 16 votos e os ou
tros opositoristas ainda menor número. O número total de listas entradas na urna foi de 1 024.

O presidente da assembleia eleitoral foi o mesmo da comissão popular e os outros vogais fizeram também parte da mesa. Cumpriram, pois, o prometido. Agora o Ministro Fontes é que os logrou. Ainda bem que por inconvenientes não pude assistir a esta eleição.

XIV

Duas explosões fatais houve neste verão e menciono-as para que os vindouros se acautelem quando lidarem com matérias perigosas.

Os mesários da Senhora da Lapa entenderam, por economia, entreterem-se pelas tardes em preparar o fogo artificial para a festa de 8 de Setembro, sendo os principais curiosos de pirotecnia o cirurgião Jardim e os Padres Ribeiro e Neves. E tinham lá um operário, por nome José Vicente, natural da nossa vila, para fazer os serviços mecânicos de maior incómodo como pisar a pólvora, etc. Este, pelas quatro horas da tarde do dia 20 de Junho, estando só (felizmente), descuidou-se com um morrão de cigarro ou por qualquer outra maneira, de sorte que principiou a arder algum fogo e, querendo então salvar uns caixotes de bombas, introduziu-se no maior perigo sem todavia lograr o seu intento. O certo é que se lhe pegou o fogo ao fato e então correu a banhar-se no chafariz do Carrascal e dali foi meter-se no hospital da Misericórdia tão queimado que veio a falecer ao cabo de oito dias.

Se este sinistro ocorresse uma hora mais tarde, já vinham a ser nele envolvidos os irmãos curiosos que só costumavam ir à fresca tardinha. A casa da hospedaria onde se fabricava o fogo ficou sem telhados que voaram com a explosão e, se não estivessem abertas as janelas, também os muros desabariam. Assim mesmo foram calculadas em 90\$000 réis todas as despesas incluindo o amanho da casa.

A outra explosão foi a 9 de Julho na rua de Santa Luzia e casa de Vicente Nunes, cauteleiro, à esquina da travessa da Amoreira (sul). Tendo-se ele dedicado à indústria de refinar aguardente em alambique de lata sobre fogareiro de carvão, conforme aprendera com um adventício espanhol, estava o alambique posto na cozinha onde se achava o dito Vicente, sua mulher, um sobrinho desta, uma filha dele e uma criada. Observando que o alambique fervia com demasiado calor, resolveram tirá-lo do fogareiro, o que foi feito pelo sobrinho e pela criada. E se ficassem nisto, o perigo estava con-

jurado. Mas não. Apenas colocado o alambique num aparador ou mesa que se achava junto do fogareiro, tiraram a cabeça ao alambique; e saindo então o vapor da aguardente a encontrar-se com a corrente do calor do fogareiro, inflamou-se toda a aguardente e começou a explosão, fugindo os circunstantes para a varanda já com o fato a arder. O alambique voou em seguida para uma casa próxima e foi aí que produziu os maiores danos, o que ainda não deixou de ser uma felicidade.

As quatro pessoas que se achavam dentro da cozinha ficaram mais ou menos queimadas. E, apesar dos medicamentos assíduos que lhes foram applicados, estiveram muitas semanas em perigo e por fim sempre morreu o sobrinho (José António Dias Palma), que era casado, tendo o corpo fervendo em bichos - razão por que os facultativos o mandaram sepultar logo que expirou. Os outros queimados também criaram bichos nas feridas, mas enfim escaparam com muito sofrimento e despesa de tratamento cirúrgico.

Este caso de incêndio de aguardente já se tem dado muitas vezes no meu tempo, mas sem tão funesto resultado porque agora tratava-se de refinar aguardente já de vinte graus e com um lume fortíssimo como é o do carvão. Como estes desastres se têm atalhado no começo é tratando de abafar com roupa molhada a caldeira ou alambique incendiado a fim de que, faltando o ar, não possa desenvolver-se o incêndio e ter lugar a explosão. Por isso mesmo é também conveniente não encher muito os alambiques ou caldeiras de refinação, nem também activar o fogo de forma que faça extravasar o líquido que se destila. E muita mais cautela deve haver em destapar as caldeiras pondo os vapores destas em contacto com as exalações do fogo, o que occasionou principalmente o sinistro de que nos ocupámos atrás.

XV

Por Decreto de 6 de Julho foi reduzido a 2 réis por litro o imposto do sal que era de 8 réis. Valeu-nos isso ao menos. Esta contribuição onerava muito o povo sem proveito do tesouro público, visto os produtores subtraírem a maior parte do sal ao imposto e contudo o povo sempre o pagava visto não pagar o alqueire deste género por menos de 240 réis. Agora ficou-se já vendendo a 160 réis.

XVI

Os grandes calores do estio começaram a 13 de Julho com vento nordeste (suão). Depois de abrandarem dias depois, tornaram a ser importunos pelo resto do mês continuando ainda por Agosto até 18 em que refrescou o tempo. Foram curtos, como se vê, porém os mais ásperos que houvera depois de 1876 e causaram grandes sustos por ter já aparecido a cólera asiática no meio dia da França (Marselha e Toulon, principalmente).

XVII

Em consequência da peste, que começou a grassar em França e passou depois à Itália chegando ainda aos portos do levante da Espanha, constituiu-se nesta vila (por ordem superior) uma comissão de saúde pública em que entraram os facultativos, o presidente e escrivão da Câmara e o Administrador do Concelho a fim de se tomarem precauções sanitárias contra o terrível flagelo. As primeiras foram mandar a Câmara em 20 de Julho remover dos povoados todas as estrumeiras e o gado suíno que alguns engordam nos seus quintais, e bem assim proibir a venda de frutas e peixe no mercado sem primeiro verificarem os facultativos o estado são destes comestíveis. As frutas verdes ou géneros avariados eram enterrados nos fossos do Castelo.

Depois, durante o estio e parte do outono, a junta de saúde fazia visitas domiciliárias para verificar a existência ou não de focos de infecção, impondo multas de 5\$000 réis que algumas vezes tornaram efectivas. Muitos cidadãos, pois, que tinham porcos de engorda em chiqueiros tiveram de retirá-los para os olivais dos coutos ou para quintas de fora da vila e aldeias.

XVIII

Lavrava nesta época grande indignação contra a Junta Geral do Distrito e sua comissão executiva por motivo de recusarem aprovar os orçamentos das irmandades, conforme estas os formularam. A arbitrariedade (e despotismo)

daquele corpo administrativo tornou-se escandalosa bastante por cercear mui to os gastos com o culto divino, chegando até os da "tripeça" da comissão (é de três) a ordenarem que as solenidades religiosas (semana santa, sermões, etc.) só pudessem fazer-se por meio da aprovação de um orçamento suplemen - tar baseado em excessos de receita, isto é, em sobras como que dizendo: só gastarão no culto os sobejos, se os houver.

Ora, quer isto dizer que converteram o principal no acessório e vice-ver sa, o que só Liberalistas ou Ímpios se atrevem a fazer, pois, sendo as ir - mandades associações essencialmente religiosas, não pode o culto divino dei xar de ser olhado como principal fim das mesmas irmandades embora sob diver sas formas. De mais, essas associações possuem bens que lhes foram legados ou doados com obrigações expressas de realizarem certas funções eclesiásti - cas e portanto querer alterar esta ordem de coisas é nada menos que ser des pótico. Finalmente deixa-nos isto ver claramente a "liberdade" que nos trou xe a vitória do liberalismo e que é apenas a "liberdade da opressão" para os governantes, a "liberdade de espoliar" a Igreja do direito de governar as suas coisas e a "liberdade do mal" para os indivíduos. Avocando a si o Go verno Liberalista a superintendência na administração das irmandades, foi nada menos que para desvirtuá-las transtornando-lhes a natureza de associa ções eclesiásticas para as converter em associações civis ou seculares e as sim mesmo sem lhes consentir que se governem como corpos autónomos...

É tão lamentável a situação das irmandades ou confrarias no moderno Por tugal que unicamente se governam à sua vontade as pobres que não possuem ren dimentos certos e que por isso mesmo podem fugir à invasão despótica das Jun tas gerais de Distrito ou de coisa que o valha. Estas (como, por exemplo, a confraria da Lapa e a mordomia do Senhor da Piedade), visto só disporem de subsídios e esmolos (lotarias, produto de bazares, etc.), administram li vremente as suas receitas que não descrevem nos livros oficiais da associa ção e limitam-se a fazer afixar na porta da igreja um relatório em que anual mente dêem conta ao povo da aplicação das esmolos dos fiéis de Cristo.

Sendo, pois, os governos leigos os grandes inimigos das irmandades por não lhes aprovarem verbas de despesa obrigatória, os gerentes das mesmas ir mandades vêem-se obrigados a falsificar as suas contas pondo como gasto num artigo aprovado o que não foi e ocultando assim despesas realmente feitas. Saibam, por conseguinte, os vindouros que em geral todas as contas oficiais das irmandades são falsas por lhes vedar a "liberdade maçónica" o governa - rem-se como entendem e é próprio do seu instituto.

XIX

A estrada de S. Romão, já célebre por ser a primeira a começar-se neste concelho e talvez a última a acabar-se e também por se lhe alterar o traço do pouco aquém da sobredita aldeia (perdendo-se ali cerca de um quilómetro de estrada já feita), passou este ano por nova alteração e foi assinar-se-lhe novo ponto de partida de Vila Viçosa. Em vez de sair pelo bairro da Aldeia como se executara em 1868, decidiu-se agora que partisse da Porta da Esperança onde a estrada a Mac-Adam estava já feita até à horta da Cruz. Daí riscaram-na em direcção aos Capuchos, volvendo por parte da horta de S. Lázaro para obliquar com mais largueza e menor curva até à horta das Manas e prosseguir daqui à quinta do Martinho onde vai a estrada antiga que vem por S. Domingos ao bairro da Aldeia.

Deu-se por motivo desta alteração o evitar-se as ladeiras do Outeiro de S. Domingos e o aperto da azinhaga anterior, ficando a nova planta da nova estrada, se bem que mais longa, mais fácil e suave por ser toda plana. Isto é verdade. Uma vez abandonado o projecto de vir a estrada de S. Romão à quinta das Casas Altas, preferindo-se o trilho da quinta do Martinho a S. Domingos, foi melhor assim, mas deviam-no pensar logo em 1868 os engenheiros distritais e aqueles que lhes prestam esclarecimentos.

Ao Conde da Guarda (Luís de Almeida Calheiros), dono da horta de S. Lázaro, deu a Câmara uma indemnização de cem mil réis pela expropriação de uma faixa de terra para melhor direcção e alargamento da estrada. Porém as obras pararam aí e não prosseguiram mais neste ano.

XX

Esteve aberta no verão uma exposição agrícola na Tapada da Ajuda em Lisboa. Concorreram a ela alguns produtores da nossa vila, ainda que poucos, por não estarem acostumados a estas festas de divertimento para quem as frequenta, não dando elas sempre resultados compensadores da despesa da sua realização. Ouvi dizer que Inácio da Silveira Menezes fôra premiado na criação de grãos de bico e Agostinho Augusto Cabral no fabrico de vinho comum (com medalha de prata). Dos mais não ouvi dizer coisa alguma.

As festas da Lapa e do Senhor da Piedade nos Capuchos fizeram-se com o aparato de arraial e bazar do costume, salvas as seguintes diferenças.

Na Lapa queimou-se fogo artificial de Évora por os irmãos ficarem descontentes com o incêndio prematuro do seu fogo artificial, como se disse atrás, e não quererem mais prosseguir naquele empenho; e foi somente na véspera.

Nos Capuchos melhorou a festividade por estar proibido o arraial do Senhor Jesus da Piedade de Elvas (medida preventiva contra a peste que grassava já em Espanha) e virem por esta causa os romeiros do Alandroal com o seu c'frio ou pendão e uma banda de música fazer junção com os devotos de Vila Viçosa. No dia da festa, que caíu em 14 de Setembro, sendo juiz Inácio da Silveira ou algum dos seus filhos, mandou ele distribuir à sua custa no claustro do convento um bodo a trezentos pobres em rações cruas, de um pão, um arrátel de carne de chibato, um de arroz, um queijo de cabras e uma melancia. O fogo foi de António Simões, pirotécnico da terra.

Não houve desordens graves em nenhuma destas festas de arraial, apesar do seu grande concurso. Houve, porém, um desastre casual de que darei conta para que sirva de lição a incautos. Um tal Pécurto de Borba, casado com uma filha de António Maria Fraústo, que mora na cidadela do Castelo, foi com um companheiro à dita cidadela para falar à família do sogro que aliás se achava já no arraial nocturno do Senhor da Piedade. Eram já quase dez horas da noite. Ao saírem da porta para a Estrela, começaram os dois a contemplar a bela perspectiva da iluminação do frontispício da igreja dos Capuchos que já estava acesa. E já por se desnortear com esta divagação, já (segundo alguns) por terem bebido algumas pingas de vinho encandearam-se de tal sorte que perderam o trilho. O Pécurto, julgando pisar chão firme, caíu da Estrela para o fosso, à porta do Sol, dentro da muralha velha. Partiu uma perna, partiu os queixos e arreventou, falecendo no hospital ao segundo dia. O seu companheiro parece que atinou com a porta da Estrela e safu por aqui.

Não é bom andar de noite por sítios desconhecidos e perigosos.

XXII

Não foi abundante a colheita de uvas nas vinhas antigas: só produziram bem os bacelos. Nos coutos da vila apareceu este ano em maior quantidade o cinzento, ficando por isso muita uva abandonada nas cepas e o pior ainda foi o escassearem os compradores, ou antes, mancomunarem-se a não pagar a arroba de uva para fabrico de vinho senão a 240 ou 260 réis, isto é, menos 60 réis do que nos anos anteriores.

XXIII

O preço do trigo no outono foi de 460 a 540 réis (o alqueire), conforme a qualidade; a cevada vendeu-se por 260 a 320; o centeio por 300 a 360 e a aveia por 140 a 180.

XXIV

Foi belo e bem desfrutado o eclipse total da lua em 4 de Outubro por estar a noite clara e serena, sem frio algum. Começou às 7h e 40m; tapou -se de todo a lua quase às 9, conservando-se assim até cerca das 11; e desde então começou a descobrir-se gradualmente. Havia muitos anos que não se observava um eclipse tão longo e que se prestasse a tantas observações.

XXV

A 15 de Novembro, conforme a novíssima lei de Agosto deste ano, se fez pela primeira vez o sorteio dos recrutas e se apurou o contingente de 17, que foram assim distribuídos: Ciladas - 1, mas caducou por não o ter; S. Romão - 2; Pardais - 1; Bencatel - 4; Matriz - 4; S. Bartolomeu - 5.

Estas duas últimas porém tiveram cada uma o seu abono de voluntários, dando portanto um recruta de menos.

XXVI

No outono estive a concurso com 180\$000 réis de ordenado a cadeira de ensino complementar (!) criada conforme a lei de reforma da instrução primária de 2 de Maio de 1878. Parece que não houve concorrentes, o que não admira. Os homens da época só pretendem cargos públicos remunerados que não exijam mais habilitações que as de ler, escrever e contar (mal e porca_{mente}). Grandes ordenados, sim; trabalhos e incómodos, não.

XXVII

Em Novembro deram muito que falar as exacções fiscaes do inspector do Real de água no círculo de Estremoz (Bernardo José de Carvalho, natural de Bencatel e filho de Celestino Ferreira Monteiro). Deu ele varejos não só às tabernas e lojas de comestiveis, mas também a casas particulares onde lhe constou que se vendia por miúdo alguns dos géneros sujeitos ao imposto de consumo que já são: vinho, vinagre, aguardente, carne, arroz e azeite, impondo pesadas multas por qualquer irregularidade que encontrava nos manifestos e seus pagamentos realizados perante o fiscal do Real de água do Concelho (Augusto Pires). O nosso patricio José da Trindade Borrego pagou na da menos do que 104\$ e tantos réis. Isto se fez tanto na vila como nas freguesias rurais.

Chegou Bernardo a apresentar-se dias seguidos em casa de um fabricante de vinhos e como nessa ocasião, por funcionarem as estilas de balsas, encontrava dia a dia um acréscimo de aguardente, applicava-lhes multas forçando os produtores quase a fazerem manifestos diários.

O pior de todas estas extorsões e vexames era serem as multas (inteiras ou quase) para o dito inspector, fiscal do concelho e guardas aduaneiros, agora encarregados de mais este serviço, de forma que o nosso povo pagou muito sem lucro nenhum do fisco ou tesouro do Estado. Neste caso, pois, quanto melhor não era arrematar o Estado o Real de água a quem mais lhe desse como se praticava antigamente? Havia de o Estado receber o triplo do que recebe e livre de despesas para si. Nós muito pagaríamos; porém com grande interesse do Estado. Assim... padecemos somente para interesse dos exactores públicos. Se estas violências não apparecessem numa época em que

o povo sabe somente o que é paz, não eram toleradas. Havia revolução popular necessariamente e o sangue tinha de correr, tanto da parte do povo como das harpias do Estado, pois sem esses penosos sacrificios não é possível estancar-se jamais a sucessiva e anual imposição de tributos novos do maldito e reprovado liberalismo Impio!

XXVIII

Neste ano, assim como no pretérito, deixou de fazer-se na Matriz o *Te Deum* pela Restauração de 1640 porque a Câmara não falou em tal e o Clero ficou-se quedo. E na verdade a Câmara assim não andou mal visto não haver também promovido a procissão do Corpo de Deus que é antiquíssima e de mais subido valor, religiosa e civilmente.

A festa da Conceição foi muito concorrida: tanto como no ano pretérito em que houve o pontifical do Bispo da Guarda, mas tudo foi (e é) devido à devoção dos povos das terras circunvizinhas, contribuindo também a quadra do tempo, algum tanto amena, para se reunir tamanha enchente de fiéis.

Fizeram-se preparativos no Paço para ser recebido o Príncipe D. Carlos que devia chegar a 2 de Dezembro e entreter-se a caçar na Tapada. Mas g~~o~~rou-se o projecto, ficando adiado para Janeiro seguinte.

XXIX

Resfriou a quadra quase de repente depois da festa do Natal, de sorte que a 27 de Dezembro caía neve em grande quantidade entre as 7 horas da manhã e as 9. Resultou daf ficar danificada a laranja e cair prematuramente em larga quantidade logo que principiaram as chuvas copiosas em Janeiro.

Tivemos boa colheita de azeitona. Era o ano par e nos anos pares andam há muito estas novidades que se podem chamar bienais, visto a oliveira não carregar nunca dois anos a fio.

Foi boa a colheita, repito, e boa também a funda em azeite, podendo orçar-se a produção de todo o concelho em mais de 80 000 decalitros de azeite. Houve, porém, dois males: o primeiro foi vender-se o alqueire velho de azeite apenas por 820 até 880 réis - preço mais alto que houve na exportação deste ano por efeito da importação de petróleo para luzes e até para fabrico de sabão! O outro mal foi vir a azeitona serôdia e começar portanto apenas pelo Natal o varejo e apanho. Assim, pois, os que principiaram cedo esta faina gastaram muito na colheita saindo-lhe o moio a 4 e 5 mil réis; e os que se demoraram para os fins de Janeiro, padeceram muito dano porque, aparecendo chuvoso em extremo o ano de 1885, perdiam-se muitos dias de trabalho, de sorte que a colheita só pôde terminar de todo em 13 de Março, com exemplo não visto dos contemporâneos.⁽¹⁾

O vinho almudado vendeu-se neste ano a 800 réis por grandes porções e a 1 000 réis para os taberneiros e por pequenas quantidades. A retalho, porém, ou aos litros era a 70 réis na vila e a 80 nas aldeias.

XXXI

Contribuições. A predial directa para o Estado foi de oitocentos 2\$580 réis, a que se juntaram os adicionais de 6% e mais 40 para a viação geral. Para o distrito pagaram-se mais 12% adicionais sobre as três contribuições do Estado: predial, industrial e pessoal, e mais 8 ditos para viação de estradas distritais. O imposto municipal foi de 31% sobre as três contribuições do Estado. Por parte do cofre municipal, pagou-se ao distrito para expostos e subsidia - dos 1 134\$460 réis. Mais: para os encargos gerais do distrito - 114\$800 rs. Mais para obras públicas distritais - 142\$220 réis. As Juntas de Paróquia da vila pagaram-se 3% adicionais, etc. E à de Bencatel 2%. A Matriz produziram

(1) Os últimos a acabar foram Joana Cândida da Fonseca e António Pereira Bom, ambos de Bencatel: aquela a 12 e este a 13.

93\$525 réis; a S. Bartolomeu, 54\$000 e a Bencatel 32\$000 réis.

Chama-se a isto um louvar a Deus!

O orçamento da Câmara para 1884 acusava uma receita de 9 829\$089 réis, segundo vejo no relatório da Junta Geral do Distrito apresentado na sessão de Maio de 1885.

CAPITULO CXLIX

Crónica do ano de 1885.

Grandes frios em Janeiro. Apanho de azeitona em Março. Semana Santa. Pego de água no Alto Rossio. Teatro na Santa Cruz. Primeira comunhão de meninos. A vila sem tabelião. Feira de Maio. Procissão de Corpus Christi. Ponte da horta das Manas. Grande exportação de cal preta. Precauções contra a cólera. Venda de terreno da Igreja de S. Sebastião. Item da cerca de S. Paulo. Projecto de venda do Convento de Santa Cruz. Tentativa de nova distribuição do giro das levadas. Suspensão da feira de Agosto. Quermesses na festa da Lapa. Colheita de uvas e seu preço. Eleições administrativas. Plantação de vinhas novas na serra. Vinda do Príncipe Real. Luto e exéquias por El-Rei D. Fernando. Nova saída para S. Romão. Colheita. Empréstimo camarário.

I

O mês de Janeiro deste ano de 1885 mostrou-se extraordinariamente frio, tanto que em minha casa (de Bencatel) se notaram em 17 estes dois fenómenos nunca dantes observados: 1^o - gelar numa tigela, dentro de casa, um pouco de chá da India que sobrara do dia antecedente (não falando em água dos cântaros igualmente dentro de casa); 2^o - gelar nas vidraças o orvalho ou humidade aderente a elas pela parte interior. A 21 abrandaram esses frios, sucedendo-lhes as chuvas como ordinariamente acontece.

II

Tanto por vir serôdia a azeitona como por ser abundante a novidade e as chuvas retardarem o seu apanho, prolongou-se este ao mês de Março - coisa não vista pelos contemporâneos por cujo motivo aqui registo este facto.

III

A Semana Santa celebrou-se na forma do costume e sem alterações notáveis. Houve lausperene na Ordem Terceira e na Igreja da Santa Cruz pelas irmandades ali estabelecidas. Deixou neste ano de haver rifas de amêndoas nas confeitarias porque o Escrivão de Fazenda, conforme as ordens recebidas dos seus superiores, notificou os confeitheiros para tirarem licenças do selo de trinta mil réis, segundo correu. E não foi isto mal determinado porque o povo é logrado sempre nas tais rifas em que metem muitos cobres para não tirarem prémios de valor ou brancos quase sempre. Em consequência de tal medida, já na feira de Maio os empresários de lotarias exibiram rifas, porém não saindo nenhum bilhete branco embora fosse de insignificante valor.

IV

Em Março vi reaberto no Alto do Rossio, defronte da rua de Frei Manuel Cavaleiro, um antigo pego ou chabouco de água, onde mulheres lavavam roupas como no princípio deste século e que, bem explorado, podia dotar aquella parte da vila, ao menos, com um bom poço de água potável. Tinha sido obstruído uns 70 anos antes.

V

Na primavera trabalhavam alguns rapazolas em formar um teatrinho numa casa do Convento da Santa Cruz que noutros tempos mais antigos fôra dormitório, segundo parece - isto para que o convento padecesse os infelizes princípios destruidores que tiveram o de S. Paulo e o da Esperança. Os mais influentes desses rapazes foram António da Piedade Broxado, José das Dores Pimenta e Alberto Laranjeiro, todos artistas mecânicos, a quem prestaram ajuda A.A. Cabral e outras pessoas. A 14 de Maio inaugurou-se o teatro com uma récita dos sobreditos em que também tomou parte o meu primo João Maria Espanca, moço de 18 anos. Por meio de uma subscrição de donativos e

com alguns empréstimos gratuitos pagáveis com o produto das receitas posteriores se cobriram todas as despesas feitas neste ano com materiais, visto o trabalho ser executado pelos mesmos influentes.

Em 3 de Abril faleceu na Carreira das Nogueiras, rua da Freguesia da Conceição, Vicência Joaquina de Barros, viúva de José Soeiro, contando 102 anos de idade. Conservou até à morte perfeito juízo e recebeu os últimos sacramentos. Não há memória de outra pessoa que entre nós atingisse um século de vida. O seu pároco verificou a exactidão desta idade à vista do seu assento de baptismo, cujo livro ainda se conserva no cartório parochial.

VI

O acontecimento mais notável deste ano para a nossa vila foi a solenidade da primeira comunhão de meninos de ambos os sexos e de ambas as freguesias urbanas, realizada na Matriz pelo Prior Angelo Maria Manhoso, coadjuvado por sacerdotes, músicos e outras pessoas. Teve lugar na quinta-feira da Ascensão, 14 de Maio, sendo o total dos comunicandos cerca de cinquenta meninos e outras tantas meninas. Houve prática à porta do baptistério para a renovação das promessas do baptismo. A missa foi de instrumental, cantada pelo coadjutor José Inácio das Neves Tarana, tendo sermão ao Evangelho. E no começo da comunhão teve lugar segunda prática. Ministrou-se o pão eucarístico aos jovens com este ceremonial: dois anjos sustentavam a toalha; davam outros dois o lavatório; e um terceiro par aspergia flores sobre as cabeças dos comungados, alternando todos os seis anjos o Hino *Pange lingua* com o coreto. No fim cantou-se o *Te Deum* e fez-se uma procissão com um Menino Jesus em andor e o Santíssimo debaixo do pátio até ao adro, seguindo-se a isto a benção e encerramento. Os meninos vestiam opas brancas, levando ramos de flores nas mãos e as meninas tinham vestiduras brancas e grinaldas de flores na cabeça. Depois da missa ofereceu-lhes o Prior na sacristia um debique para se reanimarem, pois era tarde e actos desta natureza deviam fazer-se antes com menos pompa do que obrigar as crianças a prolongarem o jejum natural até depois do meio-dia. Foi muito concorrida esta solenidade e feita muito a contento do povo que dizia ser uma fes-

ta de regozijo quase igual à do 1º de Julho de 1855. Salvo erro, foi esta a terceira vez que nos nossos dias se effectuou tal cerimonia, sendo a primeira em S. Bartolomeu ao tempo do Prior Filipe Benficio cerca do ano de 1854 e a segunda na Matriz já em tempo do Prior actual.

VII

De 22 de Maio em diante, não menos de quatro ou cinco dias, esteve a vila sem tabelião de notas por ter ido a Lisboa tratar dos seus negócios particulares o único tabelião José Joaquim dos Ramos Leal, de sorte que, se fosse necessário proceder-se à aprovação de um testamento com urgência, era mister mandar-se buscar um tabelião a Estremoz e para se lavrarem escrituras ou reconhecer letras foi preciso dirigirem-se os interessados a Borba. Isto prova exuberantemente a doidice dos governos da actualidade, aliás muito presumidos de illustração e previdência... Houve tempo em que eram três os tabeliões de notas. Hoje há só um, sem ter suplente autorizado para o substituir em qualquer impedimento!

VIII

A feira de Maio foi muito concorrida. Provou-se à vista dela que a Câmara e o povo auferem de interesse por direitos de terrado e alugueres de casas e cavalariças e venda de comestiveis e bebidas não menos de um conto e meio de réis. Também não foi pequena a concorrência de toleradas e gatuños para as obscenidades e latrocínios...

IX

Igualmente neste ano se deixou de fazer a procissão de *Corpus Christi* por a Câmara não resolver ocupar-se de religião. Optimo! Isto é conforme aos princípios do liberalismo que separa a religião da politica dando tudo a esta e nada àquela...

X

Aqueceu muito no fim de Maio e princípios de Junho e assim foi em todo o estio, sucedendo-se rapidamente o calor e o frio - coisa bem singular neste ano. Entretanto fazia-se de empreitada a ponte sobre o ribeiro do Rossio junto à horta das Manas e sob a nova estrada municipal para S. Romão. No fim do estio estavam completos os aterros e desaterros da mesma estrada até quase à Quinta do Martinho com dispêndio grande, passando então a fazer-se o começo dela no Rossio.

XI

Ao mesmo tempo começava-se a ponte sobre o Guadiana perto de Monsaraz na estrada distrital de Mourão para onde foi contratada pelos nossos caleiros a cal preta em vantajoso preço, pois a primeira porção de cento e cinquenta metros cúbicos ajustou-se a 7 000 e 6 500 réis posta lá. Foi um grande ganho para o nosso concelho.

XII

Entretanto desenvolvia-se por toda a Espanha a epidemia de cólera que neste ano chegou a invadir em Julho Don Benito na província de Badajoz e houve portanto grandes receios de se comunicar a esta nossa província trans tagana. Empregaram-se as medidas sanitárias de excluir dos povoados o gado suíno e as estrumeiras, remover quaisquer focos de porcarias e proibir a venda de frutas verdes ou avariadas no mercado público. Organizaram-se juntas de beneficência em todas as freguesias e a Junta Sanitária da vila fazia visitas pelos domicílios presidida pelo Administrador do Concelho, como no ano pretérito.

XIII

A 14 de Julho vendeu a Câmara em hasta pública ao ferreiro António Joaquim da Paixão parte do terreno que foi assento da igreja de S. Sebastião, no Rossio junto à Aldeia, pela quantia de 4:800 réis. Era para fabricar uma oficina da sua arte a par de outra sua antiga com serventia pela rua de S. Sebastião e um quintalinho detrás: obra que logo levou a efeito. Ainda sobeja para o Rossio uma faixa de terra da igreja sobredita por ser o terreno vendido algum tanto menor que o assento da mesma igreja.

XIV

Como a Câmara tinha pedido ao Governo Central faculdade para vender a cerca do Convento de S. Paulo e empregar o seu produto na aquisição de um cemitério novo e geral, foi concedida essa faculdade pelas Cortes deste ano e assim no dia 23 de Agosto, sendo posta em praça no valor de um conto de réis, arrematou-a António Lobo Vidigal Salgado por mais dez mil réis que lhe lançou. Ninguém mais a pretendeu.

XV

Também a Fazenda Nacional anunciou para 27 de Agosto a venda do Convento da Santa Cruz em três divisões, mas foi suspensa por reclamação da Câmará visto as Juntas de Paróquia terem constituído e mobilado ali uma casa de escola com habitação para o professor com dispêndio não pequeno, posto que não estivesse ainda em efectivo serviço e também se pediu a suspensão de tal venda por se fraguar a despesa do teatro novo. Ficou para outra vez.

XVI

Tentou a Câmara no estio executar as nulas disposições do Código de Posturas novíssimas, fazendo engirar de novo as levadas da vila, de Bencatel e de Pardais, nomeando vogais da comissão especial da mesma distribuição de águas. Porém nada se levou a efeito por serem todos esses mesmos vogais opostos a roubar direitos adquiridos e já imprescriptíveis segundo o Código Civil, em contravenção do qual foram formuladas as sobreditas disposições.

XVII

A feira de Agosto foi suprimida por causa de não virem cá os espanhóis coléricos e aparecer a epidemia na vila também originada pela aglomeração de muita gente, o que prejudicou os interesses do município e os do povo. Mas embora, visto ser medida preventiva de se manter a saúde pública.

XVIII

Na festa da Lapa houve de mais este ano duas quermesses (invenção última da moda nesta espécie) no jardim além do usual bazar de rifas. As ditas quermesses eram duas barracas ou choupanas formadas com paus de sobre virgem e cobertas com piorno, tudo sob o risco e direcção de M.M. Matroco. Ficaram nos extremos do jardim junto às grades tendo aos lados uma janelinha de cada parte e ali estiveram senhoras vendendo flores artificiais e bugigangas. No mais este arraial da Lapa e outros do costume não ofereceram coisa digna de especial menção.

XIX

A vindima foi serôdia por serôdia vir a uva e os mais frutos neste ano, mas a colheita foi abundante. O preço geral da uva para vinho foi de 300 réis por arroba.

XX

As eleições da Câmara Municipal e procurador à Junta Geral do Distrito para o quadriénio de 1886-89 foram no 1º de Novembro, saindo eleitos de no vo Manuel Diogo da Silveira Menezes, José Maria Falé Ramalho e Joaquim José Fernandes e reeleito Agostinho Augusto Cabral. O procurador à Junta Ge ral foi um indivíduo de Évora. Os Vereadores substitutos foram João Cra- vo, Manuel do Nascimento Cabeças, António José Torrinha Júnior (de Benca- tel) e Joaquim Tarana.

XXI

Em Novembro começou a plantação de vinhas na Serra Redonda, no caminho do Alandroal. O grande proveito que deram os bacelos novos a quem os plan- tara excitou o desejo de cultivar a vinha em maior escala por estar prova- do que esta cultura é presentemente (e sempre o foi na nossa província) a mais lucrativa. E por faltarem terras limpas, obrigou a necessidade que se aproveitassem os maninhos da serra que nós julgávamos haverem de permane- cer assim até ao fim do mundo como terreno fraquíssimo, imprestável para oliveiras e coberto de grandes bancais de pedra. Mas... quanto pode a ne- cessidade imperiosa de mantermos a vida! O primeiro homem que deu princí- pio a esta empresa foi Valentim das Dores Ovelha, o qual aforou em coure- las o carrascal de um olival seu a 2 000 réis anuais com resgate facultati- vo dos enfiteutas. A este seguiram-se outros e assim começou a nova plan- tação de vinhedo em terreno matagoso.

XXII

Meia hora depois do meio-dia de cinco de Novembro chegou o Príncipe Real D. Carlos que vinha caçar na Tapada, trazendo uma pequena comitiva. A Câmara, Clero e funcionários públicos esperaram-no à porta do Paço. E queimaram-se alguns foguetes enquanto uma das filarmónicas tocava no meio do Terreiro e repicavam os sinos da Capela. O Príncipe, acto contínuo, marchou para a Tapada e continuou nos exercícios venatórios até domingo, 8, em que tornou para Lisboa pelas dez horas da manhã.

XXIII

El-Rei D. Fernando faleceu em Lisboa a 15 de Dezembro deste ano. Publicou-se portanto luto oficial de dois meses. Porém foram raras as pessoas que o tomaram, ainda que o príncipe não era malquisto: pois acha-se presentemente muito desprestigiada a hierarquia dos reinantes que, segundo os princípios liberais, *reinam e não governam*. A Capela Real fez-lhe exéquias a 14 de Janeiro seguinte (dia 30º), assistindo três vereadores somente e servindo o Presidente (Assa) também de Administrador do Concelho com os empregados da Câmara, Administração e Fazenda, juntamente com os serventuários da Casa de Bragança - o que quer dizer que houve muito pequena assistência a essas exéquias.

XXIV

Nos fins de Outubro mandou a Câmara dar principio a nova saída para S. Romão. Começou-se essa estrada junto à cruz do Rossio apartando-se ali da estrada inaugurada em 1868. E levaram-na logo os obreiros até à Fonte do Alandroal, em frente da qual foi preciso formar um grande aqueduto ou pontão para atravessarem para o ribeiro todas as águas das ruas do norte. E ainda em Janeiro seguinte foi preciso ainda fabricar novo cano de esgoto desde as casas do meu nascimento e criação acima da rua das Vaqueiras. Esta obra con-

tribufu muito para o embelezamento do baixo Rossio, não só por não haver ali uma via enxuta de inverno para a igreja da Esperança, mas também porque terraplenaram muito essa extensão que era baixa e bem assim parte do Rossio central entre a faceira da rua de Três e a rua de Cambaia. Só restou arborizar-se devidamente a nova saída que foi continuada pela rua dos Frades até à porta da Esperança para ficar ligada toda a estrada nova até à quinta do Martinho Leal.

XXV

As colheitas neste ano foram escassas, tirando a da uva, mas os preços não se elevaram visto faltar saída para as novidades. O trigo regulou por 500 réis o alqueire ou pouco mais; a cevada por 360 a 400; o centeio, 400; o azeite foi vendido a 920 réis o alqueire velho ou a 1 040 o decalitro, apesar de ser escassíssima a novidade e mais escassa ainda a funda em azeite.

XXVI

Resta-me dar conta do empréstimo que a Câmara contraíu neste ano e que foi o seu primeiro apesar de se ter falado há muito neste expediente económico por a Câmara de Vila Viçosa não ficar fora da monomania dos empréstimos no regime liberal e esbanjador. Foi de seis contos e contratado com o Banco Eborense ao juro de 7,5% em conta corrente. Não se levantou logo o capital todo, pagando-se por isso apenas o juro do dinheiro recebido e por isso mesmo ficou ali um crédito aberto que pode estar cem anos sem nunca se amortizar de todo.

O contingente predial do nosso concelho neste ano foi de 7 790\$530 rs.

Sobre ele e sobre as contribuições industrial e sumptuária recaíram 35% para a Câmara e bem assim mais 3% nas Freguesias da vila e de Bencatel para as Juntas de Paróquia.

Recrutadas que couberam ao concelho: 17 da primeira linha e 3 da segunda reserva.

CAPITULO CL

Crónica do ano de 1886.

Orçamento municipal. Omissão da feira de Janeiro. Frios. Novos administradores do concelho. Festa de S. José. Nova plantação de eucaliptos. Trovoadas na primavera. Festas da semana santa. Obras na Misericórdia. Venda de casas do Convento de S. Paulo. Festas pelo casamento do Príncipe D. Carlos. Folga dos comerciantes nos dias santificados. Aformoseamento da Praça Nova e mudança da fonte do Carrascal para o centro da mesma praça. Obras públicas em Bencatel. Ditas no cemitério municipal da Matriz. Projecto de um julgado municipal. Grandes calores no estio. Um homicídio frustrado e outro efectuado. Abertura da aula de ensino complementar. Re edificação e nova abertura da capela da Senhora dos Remédios. Príncipe D. Carlos nesta vila. Eleições municipais muito renhidas. Recrutamento. Vin da do Governador Civil. Fim do ano com grandes frios após chuvas bastas. Preço de diversos géneros. Considerações sobre a pobreza geral dos agricultores. Contribuições distritais.

I

Em consequência de ter a Câmara contraído o empréstimo de seis contos de réis com o Banco Eborense no ano pretérito, elevou-se o orçamento municipal à importante soma de 11 859\$772 em receita e 11 858\$724 em despesa. Mas ainda bem que o Código Administrativo de 1878 foi revogado pelo do ano de que tratamos, ficando vedado aos corpos administrativos tomarem empréstimos de quantias superiores à décima parte da sua receita ordinária que não excede muito a cinco contos. Ainda bem.

II

Como em Janeiro durasse ainda o cordão militar na margem do Guadiana por causa da cólera morbus e subsistisse a proibição das feiras, a nossa de Ja

neiro não foi permitida. Fez-se contudo um mercado na Praça Nova em lugar da feira no Carrascal. E quanto aos gados que vieram, não deixaramos seus donos de os negociar na forma do costume, abstando-se a Câmara de cobrar o imposto de terrado. Assim, pois, nem houve feira, nem deixou de havê-la.

III

A 19 do dito mês de Janeiro appareceu o dia mais frio de todo este inverno. Fizeram trovões, cafu pedrisco e neve, seguindo-se a isto muita chuva naquella mesmo dia e no seguinte, o que foi prenúncio das grandes trovoadas que deviam estalar em Março. A 7 de Fevereiro e dias seguintes recommençaram os frios com ventos norte-alto e suão.

IV

Em Fevereiro toma posse do cargo de Administrador do Concelho António José de Assa Castelo Branco. Era ele proposto do recebedor da comarca e houvera agora mais este lugar vago por ter falecido o Administrador substituto Diogo de Castro. Mas durou-lhe pouco tempo o novo cargo porque a 19 de Fevereiro cafa o ministério regenerador do Fontes e logo João de Sousa Menezes diligenciou para si o mesmo cargo, não pela honra dele, mas para receber os 200\$000 réis de honorário que o outro obtivera com igual intuito, conseguindo tomar posse dele nos fins de Março. Este facto foi um outro pomo de discórdia que pôs a vila num vulcão e preparou as renhiddssi - mas eleições administrativas de Novembro. Nenhuma das filarmónicas se prestou a tocar em público festejando a posse do João de Sousa.

O Assa era presidente da Câmara e deixara este lugar pelo de Administrador substituto, servindo como efectivo. Entretanto serviu de presidente o vice-presidente Cabral e depois retomou Assa a presidência.

V

Na festa de S. José, dos carpinteiros e outros devotos em número fixo de doze, houve este ano pela primeira vez benção e distribuição de anéis de baixo preço (de tambaque) à imitação de outras terras em que se faz tal distribuição comemorando o anel esponsalício do matrimónio da Virgem Santíssima com o Patriarca de Nazaré.

VI

Nos fins de Março e princípios de Abril deu-se o facto raro de haver repetidas trovoadas com imensos aguaceiros, seguindo-se o Abril frigidíssimo: isto prejudicou bastante as searas. Ao contrário, as quenturas de Março que ocasionaram as trovoadas proporcionaram grandes novidades na fruta de caroço e pevide e sobretudo em figos lampos, como adiante se dirá. Em consequência da muita fruta mencionada, tivemos a laranja por baixo preço até Agosto e Setembro em que a comprávamos a 500 réis o cento. A trovoadá do dia 3 de Abril produziu tanta água que o ribeiro das Janelas em Bencatel invadiu a estrada municipal junto às vinhas e arrebatou um carro que ia com mais dois para Vera Cruz de Portel com uma casa mudada. Se lhes não acode a gente de Bencatel, morria a parelha de muares que o puxava por ter o veiculo tombado para o leito do ribeiro. E ainda que o carreiro desengatou a canga, as mulas continuaram água abaixo tomadas na mesma canga e já iam quase sufocadas.

VII

Foram plantados nesta mesma quadra os eucaliptos que restava pôr na estrada distrital nº 106 entre o Lagar de cima e a ponte do Alcalate e entre o alto da serra e o pontão de Vale de Pegas. Perderam-se muitos, principalmente junto da Lagoa por lhes suceder uma primavera muito fria.

VIII

As festas da semana santa fizeram-se com pouca differença do costumado. Na vila houve em quinta-feira de Endoenças os sete lausperenes usuais, a saber: nas duas freguesias, Convento das Chagas, Capela Real, Misericórdia, Santa Cruz (pelas irmandades ali estabelecidas) e Ordem Terceira. Mas para isso foi necessário ir eu rezar a missa à Ordem Terceira por serem somente seis os padres da vila. Em S. Romão houve lausperene pela primeira vez desde que é paróquia, segundo se presume, de sorte que, com o de Benca tel, foram nove em todo o concelho. Só Pardais o não teve agora como acontece desde a sua primitiva.

Na Ordem Terceira fez-se lava-pés a expensas do ministro Cândido José Mouraia, sacristão da Capela Real.

Na procissão do Enterro do Senhor na sexta-feira houve uma alteração de trajecto e foi não embocar ela à rua da Torre que ali consta quase somente de casas em ruínas, mas continuar pela Estacada a buscar a rua dos Gentis e descer ali por ela.

A Páscoa foi molhada e, conquanto os antigos fizessem prognóstico de boa colheita de cereais o passar-se "a Páscoa em casa e o Natal na praça", a colheita deste ano foi mais que medíocre, passando a escassa, por causa dos frios da extrema primavera.

IX

A mesa da irmandade da Misericórdia (sendo Provedor Francisco Martins Curado), realizou nesta primavera uma obra de grande proveito e foi praticar uma safda para a rua das Vaqueiras por onde saíssem as limpezas da tulla de lixo fabricada ultimamente (em 1884) e converter o antigo cemitério em jardim unindo-o ao quintal. Para isso foi mister revolver todo o chão do pequeno cemitério para exumar os ossos que deram carregamento para dezassete carros. Estes ossos foram levados para o osseiro do cemitério de S. José à proporção que os iam extraindo e por último fizeram honras fúnebres a uma porção, quanta coube num esquife, sendo acompanhada processionalmente pelo capelão e mesários.

Disse-se nesta ocasião que ali jaziam também as ossadas dos defuntos da igreja nova de S. Bartolomeu que serviu de cemitério paroquial (até 1793).

X

Na mesma época pôs a Câmara em praça a venda de três casas do Convento de S. Paulo com autorização da Junta Geral do Distrito, a instâncias de António Lobo que havia já comprado a cerca. Arrematou-as ele por cerca de 50\$000 réis. Pobre convento!

XI

Verificou-se em 19 de Maio o casamento do Príncipe Real e Duque de Bragança D. Carlos com a princesa D. Maria Amélia de Orleans, filha do Conde de Paris. Entre nós foi comemorado este consórcio com quatro dias de férias para as repartições de justiça, repiques de sinos e alguns foguetes que a Câmara fez queimar. Alguns calipolenses foram assistir em Lisboa ao aparato e festas da boda, visto haver bilhetes de ida e volta a preços reduzidos no caminho de ferro.

XII

No dito mês de Maio foi promovida uma folga dos comerciantes aos domingos e dias santificados a partir do meio-dia - coisa tão cristã como higiênica e que entre nós foi devida à iniciativa do comerciante Inácio Pombeiro Falcão da Gama. Expedida por ele uma circular a todos os possuidores de estabelecimentos comerciais de qualquer espécie, achou-se não anuírem dois somente: os mais conformaram-se e portanto pôs-se em execução o projecto. Dali em diante, nos domingos e dias santos, viram-se fechadas todas as lojas da convenção e recreando-se os patrões e caixeiros de tarde até à noite. Honra seja a quem planeou e apoiou esta medida já adoptada em muitas cidades e vilas.

Começou a Câmara em Junho a executar o projecto de aformosear a Praça Nova para o qual havia tomado o empréstimo dos seis contos de réis, ainda que dessa quantia haviam de tirar 2:600\$ e tantos réis que já se deviam de empréstimos tomados ao cofre da viação municipal. Foram inaugurados os trabalhos a 20 de Junho no alto do Colégio, começando a praticar-se a escavação da grande sanja por onde haviam de estender-se os tubos de ferro fundido. E o vice-presidente Cabral, principal promotor da execução desta obra (pois a ideia já era velha), assistia sempre aos trabalhos para sua melhor fiscalização e economia. Achou-se dificuldade grande em vencer as rochas do alto onde a escavação teve de ser profunda, mas no entanto produziram elas muita pedra para os Mac-Adam's e calçadas.

A planta do aformoseamento achava-se elaborada por um engenheiro distrital desde há alguns anos. A parte superior da praça, que nalgum tempo se chamava *Terreiro dos Padres da Companhia*, foi modelada em forma de X, cruzando a boca da rua do Colégio com a da rua de António Homem e a da rua de Frei Manuel com a dos Fidalgos para ficarem ajardinados os quatro deltas em frente da igreja do Colégio. Aos lados desta primeira secção conservaram-se os passeios que já lá estavam feitos.

No corpo ou secção do centro fizeram-se avenidas em Mac-Adam emoldurando o paralelogramo, em cujo centro devia campear a fonte do Carrascal ficando ainda ao rés dos edificios um largo passeio de calçada que teve de ser modificado ao norte e ao sul. As bermas do paralelogramo ou quadrilongo central foram ornadas com xadrezes azuis em calçada branca.

O corpo de baixo ou secção que era o antigo *Adro de S. Bartolomeu* ficou intacto por estar bem calçado há muitos anos. Ali se faziam os mercados e continuaram a fazer-se de futuro.

Já se vê, pois, que esta obra devia consumir o verão e entrar pelo inverno como aconteceu.

Em Novembro, quando se nivelava o centro, foi preciso desaterrar em baixo da parte do norte e viu-se que a antiga igreja de S. Bartolomeu era ali mesmo e não no centro da Praça como estava principiada a igreja nova que nunca se concluiu. Ali examinei em 26 do dito mês uma campa que mostrava letreiros em caracteres gótico-romanos de relevo e que dizia assim: *Aqui jaz Rodrigo Martins e sua mulher e erdeiros. 1503 anos.*

Já se vê, pois, que esta sepultura era situada na igreja primitiva. Apareceram também algumas lajes sem epitáfio e pedras redondas com uma cruz em forma de X que os antigos punham sobre as sepulturas para distintivo como hoje usamos nos cemitérios com cruzes de madeira ou ferro. Eram estas como uma que está na rua do Espírito Santo junto da ex-sacristia da irmandade das Almas, talvez para indicar que no pavimento da rua estão sepulturas de cristãos.

A fonte foi mudada nos fins de Novembro porque se desejava pô-la a correr no 1º dia de Dezembro, mas não se logrou isto porque as obras correram devagar e ultimamente não quis a água correr pelos canos qualquer que fosse a causa disso. A montagem da grande taça foi efectuada em 24 e a tampa em 26 de Novembro. O altico onde agora insculpiram o letreiro comemorativo da mudança foi colocado no dia 1º de Dezembro e o resto depois. Em 7 do mesmo Dezembro ainda faltava acabar de sobrelajejar o fundo da presa ou tanque reservatório das sobras que, de quadrado, passou a ser oitavado.

O mestre alvenú que dirigiu e executou a reconstrução da fonte foi o nosso patrício Manuel Marques Tibau e o canteiro foi José Cabeças, de Borba. Todos os mármorees foram retocados ou raspados por causa de alguns descalabros que haviam sofrido em 250 anos de permanência no Carrascal.

Ainda se fechou este ano sem que a nova fonte ficasse correndo. No Carrascal tomava-se água na Biquinha do aqueduto e no "ladrão" da casa-mãe junto do Lagar. Logo em Novembro foi posto um marco fontenário no chafariz das bestas sobre o antigo ralo de ferro a fim de poderem ali beber homens. Como, porém, ficasse interrompida a canalização no lugar da fonte, não pode aparar-se a água no marco fontenário nem correr para o bebedouro de bestas senão em 8 de Janeiro seguinte em que se restabeleceu aquela conduta de águas. Com expediente ocorreu-se a duas imperiosas necessidades: 1ª - deixar água no Carrascal para uso de feirantes, eireiros e viandantes daquele sítio; 2ª - satisfazer as exigências da Casa de Bragança a quem pertenciam todas as sobras da fonte antiga por haver explorado as águas a Duquesa D. Catarina. A Câmara só tem de suas próprias a do Nascente novo explorado nos nossos dias.

No mesmo estio (a 26 de Julho) para a Câmara comprazer à gente de Benca tel e captar a benevolência dos eleitores mandou terraplenar o Terreiro da aldeia que na verdade se achava em péssimas condições de trânsito, e bem assim abaular a rua de Évora que se lhe segue, fazendo-se-lhe calçadas e valetas ao redor. Outrossim fabricou a Câmara uma ponte de abóbada sobre o ribeiro das Janelas com capacidade para transitarem carros por ela em direção da azinhaga do Medo e da quinta dos Mascarenhas. Quanto, porém, a esta obra para a qual se exigia um pequeno pontão destinado a trânsito de passageiros a pé eu aconselharia que em vez dela se construísse outra ponte no mesmo ribeiro sobre a estrada de Estremoz onde a passagem é mais frequente e onde será mister fazer-se outra ponte quando se continuar aquela estrada de Estremoz ao Alandroal que é a municipal nº 9, salvo erro. Neste caso a despesa seria pouco maior e excusava-se a repetição dela num ribeiro que só veda a passagem durante as grandes chuvas e seca inteiramente fora disso.

Começava-se ao mesmo tempo a construção do cemitério municipal de Nossa Senhora do Castelo anexando-se ao antigo (que era somente ao sul da Matriz) o terreno que ficava detrás e uma porção ao norte da igreja paroquial. Esse terreno, que constava de chãos de quintais e casas em ruínas, foi adquirido por 200\$000 réis depois de ter a Junta de Paróquia feito cedência à Câmara do cemitério antigo.

Para esta obra estavam apurados 1 010\$000 réis do preço da arrematação da cerca de S. Paulo.

Pararam estas obras no meio de Novembro depois de estarem concluídas muitas terraplenagens na área do novo cemitério que, por ficar em terreno la-deirento, houve de ser talhado aos quarteirões com socalcos de pedra e cal. Destinou-se colocar a porta principal desta necrópole em frente da rua de Nossa Senhora, mas neste ano ainda ficou descerrado e incomunicável com o cemitério antigo ou de 1839.

Nas escavações appareceu uma campa de mármore com letras góticas remontando ao tempo de El-Rei D. João I, segundo me pareceu, pois não pude lê-la em 28 de Junho por causa do grande calor daquele dia e depois disso até escrever esta crónica não tornei a vê-la porque a tiraram dali.

Também appareceu um banco ou poial em forma de um duplo cão, também de mármore branco, e bem assim muitas sepulturas com campa de laje ou sem ella assim como se encontraram outros dois anos antes junto da igreja nova de S. Bartolomeu quando a Câmara mandou abrir um cano para despejo do urinol do posto da policia para o comunicar com a cloaca da cadeia civil. Estas sepulturas todas, segundo creio, pertenciam aos tempos da peste do século XVI e outros posteriores em que as igrejas não comportavam o enterramento de tantos cadáveres.

XVI

Appareceu entretanto a lei da reforma judicial que permitia erigirem-se Julgados Municipais nas cabeças de concelho que distassem da cabeça de comarca mais de 15 quilómetros. E como Vila Viçosa dista 17 de Estremoz, a Câmara resolveu intentar a criação de tal Julgado votando as despesas necessárias que foram calculadas em 573\$500 réis, a saber: 300\$ para o honorário do Juiz, 150\$ para o subdelegado e 50\$ para o official de diligências, etc. Como porém se tratava de um novo encargo tributário para os muniçipes, lembrou-se a Câmara de convocá-los para uma assembleia em que pudessem manifestar a sua anuência ou renuência a tal projecto. Eu não compareci a essa reunião por encontrar nisso incómodo, mas officiei ao Presidente Assa rogando-lhe que mandasse ler aquella mesma comunicação em que eu manifestava o meu voto negativo fundamentando-o em que não convinha tomar um encargo certo com vantagens incertas e até mais que duvidosas, visto que os juizes municipais não tinham alçada senão para julgamentos de policia correccional e de inventários orfanológicos inferiores à soma de 100\$000 réis. No dia da reunião apenas o Prior da Matriz Angelo Maria Manhoso falou contra o projecto; os mais cidadãos que foram presentes em número pouco avultado apoiaram a medida porque adrede se espalhara a voz de que se tratava de erigir uma comarca ignorando os votantes os acanhados poderes do juiz que não valiam 500\$000 réis anuais de encargos para o município.

Nestas circunstâncias, o que valeu foi requerer a Câmara do Alandroal se melhante pretensão e, como isso prejudicava os interesses da comarca de Estremoz (de 1ª classe) e destruíra completamente a do Redondo (que é de 3ª classe), o Governo Central dormiu sobre o caso e assim beneficiou bastante o nosso concelho.

XVII

Houve neste estio figos em tamanha abundância que os nascidos não se lembravam de outra igual. Os lampos nas figueiras alvares, de rei, rainha, etc. e até cotios, verdiais e burjagotes (coisa contra o costumado) foram em tal profusão que duraram desde Junho até ao meio de Agosto em que principiaram a desugar os vindimos ou ordinários, durando assim a figagem fresca cinco meses! Podíamos ficar chamando a este ano o ano dos figos.

XVIII

Foi extraordinariamente calmoso este verão. Já em 17 de Junho escaldava o sol; depois de alguns dias frescos, tornava o calor e ainda no meio de Setembro nos incomodava bastante. Daí resultou serem danificadas as uvas pois como quando choveu pelo S. Mateus já elas estavam maduras, começaram a estoirar e a apodrecer nas vinhas. A azeitona também deixou de engrossar pela falta de chuvas e orvalhos em Agosto e parte de Setembro.

XIX

A 12 de Setembro pela uma hora da manhã, quando se dispersava o arraial nocturno da véspera da festa do Senhor Jesus da Piedade, Mariano Lobo esperava na rua dos Fidalgos Pedro Nogueira e disparava-lhe três tiros de revólver defronte da casa dos Menezes. Eram ambos solteiros e tinham as suas inimizades pessoais que se agravaram naquela noite estando ambos vendendo sor-

tes no bazar do arraial. Felizmente frustrou-se este homicídio e compôs-se o crime outorgando o ofendido perdão ao agressor por intervenção dos parentes de ambos os lados. Mas não se baldou outro em 10 de Outubro na taberna de Francisco Maria Toscano, situada na rua do Espírito Santo. Irritados os ânimos por efeito de umas cantigas à desgarrada em que se feriam reputações, levantou-se uma rixa em que por último ficou morto um rapaz solteiro chamado João dos Santos, filho de João Baptista do Monte da Saúde e de Maria da Conceição Pardal. Foi esfaqueado por um tal José Júnio, filho do forneiro da rua da Freira, também solteiro, com a sua própria navalha que o assassino apanhou do chão por lhe ter caído com uma paulada que recebera. E este o fruto que recolhem os frequentadores e arengadores de taberna. Como a mãe do assassinado era forneira no forno da mesma rua do Espírito Santo em que teve lugar a rixa, veio a expirar nos braços dela. Comovente cena!

XX

No princípio de Outubro abriu-se pela primeira vez a aula complementar de ensino primário reduzida por enquanto a habilitar alunos para exames de admissão aos liceus. Veio a ser primeiro professor desta cadeira José António Escobar que morava em Sousel e veio dali ganhar os 250\$000 réis arbitrados pela Câmara, quando este ordenado podia ser pago a um patrício nosso... Mas não fôra tanta a preguiça e indolência da mocidade nos últimos tempos!

Matricularam-se logo 28 alunos e estabeleceu-se a aula no convento e rua da Santa Cruz.

XXI

Cabe agora a vez de dar notícia da reedificação da capela de Nossa Senhora dos Remédios sita entre a Torre de Menagem e a cerca de D. Dinis, no vão que ficava entre ambas e onde estava a porta da Torre junto da qual sucumbira Fernão Pereira, irmão do Santo Condestável, e o seu escudeiro Vicente Esteves.

E uma história interessante esta da reedificação da capela e que mostra ser o povo miúdo e não os poderosos que sustentam a Religião Católica.

Um artista chamado Joaquim Gomes Plangana, filho de João Gomes Plangana, alvenú e pintor de segunda classe, foi quem se propôs de moto próprio realizar esta obra. Chamou a si mais onze colegas e propôs-lhes descer o plano alto da capela até ao chão, visto não servir já de capela de presos como na sua primitiva estrutura, e acabar com o eremitério dos baixos que já estava deserto de ermitão ou conservador por se acharem arruinadas as duas casinhas. Promoveram os doze uma subscrição de donativos na vila que produziu 26 mil e tantos réis destinados para a compra de materiais e o Plangana tomou à sua conta recrutar os artistas de alvenú, carpinteiro e ferreiro que trabalhassem ali ao menos um dia gratuitamente, além dos já associados. Foi porém necessário recorrer ainda a nova subscrição de donativos em dinheiro.

Para se descer o altar até ao pavimento inferior sem mexer na talha dou rada que adornava a capela careceu-se de acrescentar as obras de talha com outras que o Plangana foi desencantar em capelinhas ou oratórios particulares do convento da Santa Cruz prestes a cairem nas mãos da vandalagem. Os painéis de azulejo ficaram onde estavam também, suprindo-se daí para baixo com azulejos pintados ou fingidos. No vão da porta da Torre, onde era a chaminé do ermitão, fizeram uma pequena sacristia prolongando-a para dentro da cerca: isto com anuência da Câmara. Sobre o novo pórtico fez - se um coreto de abobadilha para a música. Pôs-se o púlpito em lugar conveniente e por último coroou-se a fachada com um pequeno campanário a que de ram entrada pelo adarve da cerca.

Assim, pois, se concluiu esta obra talvez com menos de 50\$000 réis em dinheiro e que, se fôra feita por pagas mundanas, montaria a 200\$000!

Foi benzida a capela pelo Prior da Matriz em 30 de Outubro e a 31, que era domingo, inaugurou-se o culto com uma festa a Nossa Senhora. ⁽¹⁾

(1) Os sócios de Joaquim Plangana foram: José Emídio da Rosa, Desidério da Mata, Cândido José Mouraia, Inácio José do Prado, etc.

XXII

Em 7 de Novembro pelas onze horas da manhã chega repentinamente o Príncipe D. Carlos a fim de vistoriar algumas obras a que se tinha procedido no palacete da Tapada. Já depois das oito horas é que foi sabido que chegava o Príncipe e até o capelão do Paço esperou até às onze horas para dizer - -lhe missa tendo-se tocado à hora do costume porque o Almojarife Silva lhe fez notificar que sustasse a celebração até chegar o real visitante Duque de Bragança. Não trouxe comitiva e regressou para Lisboa no dia seguinte pelas três horas da tarde.

XXIII

Andava já o concelho num rodopio por causa das eleições simultâneas de um vogal à Junta Geral do Distrito e cinco vereadores para a Câmara Municipal, que tinham sido publicações para o dia 14. Executou-se já o estatuído no Código Administrativo de 17 de Julho deste ano que reduziu a cinco os vereadores das câmaras de vilas e algumas cidades, determinando que neste caso contivessem as listas dos votantes só três nomes a fim de vigorarem as oposições na minoria de dois vereadores contra três; e assim aconteceu agora. Os chamados regeneradores em que figuraram Assa, Cabral, Lobos, Reixa (João António), Inácio da Rosa e outros muitos, apesar de vencerem os chamados progressistas na lista camarária por 227 votos, não puderam evitar dois dos seus adversários.

Foram 926 as listas entradas em cada urna e ficaram eleitos por parte dos vencedores Agostinho Augusto Cabral, António José de Assa Castelo Branco e Joaquim da Silva Tavares. Por parte dos vencidos ficaram vereadores Joaquim José Fernandes e Matias de Castro Silva Sottomaior.

A gerência administrativa ficou agora delimitada por triénios sem renovação parcial como introduzira o Código Administrativo de 1878.

Eram chefes progressistas da eleição o Administrador João de Sousa, Joaquim José Fernandes, Francisco Martins Curado e outros de menor vulto.

Dispendeu-se muito dinheiro, fato e calçado, além de comezainas e bebetes. Houve uma proclamação anónima dos regeneradores que de noite a metiam por debaixo das portas animando os eleitores a desprezarem as instân-

cias do Administrador. Houve mil tropelias indignas de se registarem nestas Memórias e que todavia desonram o sistema governativo que a qualquer maltrapilho outorga o direito de votar. Disse-se que um artista morador no alto da Praça vendera cinco vezes o seu voto no trajecto da sua casa até à Matriz onde tem havido a única assembleia eleitoral do concelho.

João Augusto Lobo foi o mais acérrimo disputador da eleição por parte dos progressistas e houve quem calculasse não dispender ele menos de 500\$000 réis, além de empréstimos gratuitos em dinheiro e géneros. Mas acrescentam alguns que houve mais pessoas fintadas para as despesas da batalha eleitoral.

Encontrou-se na urna da Câmara uma lista a mais por estarem duas dobradas juntas, ao que parece por lapso dos fabricantes de listas.

O vogal eleito para a Junta Geral foi um fulano Machado, residente em Evora, tendo por substituto o nosso patricio António Maria Lobo Vidigal Salgado. O vencido foi um Henrique Freire, professor da Escola Normal de Evora.

Advirta-se agora que na nossa vila não havia regeneradores nem progressistas como outrora aconteceu noutras eleições: o pomo da discórdia eram os 200\$000 réis do honorário do cargo de Administrador do Concelho acrescentando a isso alguns ódios particulares.

O apuramento dos votos durou cinco dias! E até a eleição ficou suspensa no dia 14 e continuou no dia 16 até à uma hora e um quarto da tarde!

XXIV

No mesmo dia 15 de Novembro teve de proceder a Câmara ao sorteio dos recrutas e distribuição do contingente do nosso Concelho que foi de 17 mancebos para o serviço efectivo e 3 para a segunda reserva.

Como, porém, a Freguesia das Ciladas não tivesse nenhum recenseado no corrente ano e no pretérito, ficou dispensada de o dar caducando o seu tributo. E porque houve um abono à Matriz, dois a S. Bartolomeu e um a Beneditel, vieram a sair do concelho somente 12 mancebos.

XXV

Em consequência de perderem os progressistas a eleição na Câmara e na Junta Geral, viu-se logo que também a perdiam na próxima futura eleição para deputados. Por isso o Governador Civil José Carlos de Gouveia chegou a esta vila no domingo 5 de Dezembro com o fim aparente de fazer uma visitação oficial, mas com a verdadeira de apaziguar os ânimos e converter os chefes regeneradores por meio de propostas conciliadoras. Hospedou-se em casa de Joaquim José Fernandes e retirou-se na noite daquele mesmo dia depois de ter visitado as repartições públicas, a Misericórdia e a Matriz.

Não conseguiu por enquanto o seu intento porque lhe foi exigida a demissão do Administrador substituto João de Sousa que servia como efectivo e ele não se decidiu logo a fazê-lo.

XXVI

Fechou-se o ano com muitas chuvas entre a Conceição e o Natal e frios no cabo. O dia de S. Tomé foi frigidíssimo com vento negro de leste ou suão.

XXVII

Apesar de ser escassa a colheita de trigo, não se vendeu este senão a 500 - 560 réis o alqueire; cevada a 320-400; aveia, 220-250; centeio, 360-400. Só o preço do trigo não compensa o trabalho e despesas do produtor; os mais são bons preços e devidos a não serem importados estes géneros do estrangeiro.

O vinho rendeu a 900-1 000 réis o almude (20 litros).

A colheita de azeitona foi neste ano menos de regular e o preço do azeite melhorou um pouco. Vendeu-se nos lagares a 1 040 - 1 100 réis o decalitro, sendo este ano o primeiro em que nos lagares se generalizou a adopção do decalitro abandonando-se o alqueire antigo de 8,88 litros.

Abundou muito o feijão e por isso vendeu-se o alqueire (20 litros) ra-

sos) a 900 réis quando há muito não custava menos de 1 000 réis. Grãos, 1 000.

A carne de porco baixou neste ano a 2 500 e 2 400 réis a arroba.

XXVIII

Continuou a notar-se grande baixa na riqueza do concelho provindo ella de duas causas: 1^a - o baixo preço dos géneros agrícolas; 2^a - o desenvolvimento da usura de bancos e particulares pessoas.

A protecção dada pelo Governo liberal aos usurários trouxe em resultado arruinarem-se muitas casas prósperas e vemos a cada passo anunciar vendas de imobiliários por sequestro de bancos e indivíduos usurários. A razão de tal ruína acha-se em não renderem os prédios mais de 2 ou 3% liquidos aos seus donos e pagarem estes a 6, 7, 8, 10, 12 e 20% o uso dos dinheiros tomados a juro. Agora se viu bem claramente quanta razão tem sempre assistido à Igreja Católica em ser adversa aos usurários.

Quem padece falta de meios e possui alguns prédios ou ónus reais deve proceder a vendê-los como faziam os nossos antigos para, com o seu preço, remediar as necessidades da sua casa. Mas não se faz hoje isso: envergonham-se os homens de vender os seus bens, tomam dinheiro a juro e por fim, em lugar de um devem três ou quatro prédios, são obrigados a vender toda a sua fortuna porque chegam a tempo de não bastarem os seus rendimentos prediais só para o pagamento das usuras. Não cito exemplos porque julgo não dever fazê-lo. A razão também por que deve proceder a vender os seus prédios e não tomar dinheiro a juro aquelle que se acha endividado é porque dinheiro de usura é o que se põe em uso ou a render em qualquer negócio e só este pode ser produtivo; ora, quem o emprega a pagar dívidas, não o põe em uso, em giro ou a render: logo não deve nunca tomar tal expediente.

A outra causa da nossa ruína económica (e geral nas terras sertanejas) é o livre-câmbio adoptado pelos Governos dos últimos tempos, os quais admitem nos seus portos géneros estrangeiros a concorrer com os nacionais somente com o fim de os fazer baixar de preço. Ora, a experiência tem já mostrado bem relevantemente que isto não pode continuar assim. Estamos vendendo por 500 réis o alqueire de trigo quando elle ordinariamente custa ao produtor maior quantia.

Com o azeite succede a mesma coisa por causa da importação de petróleo estrangeiro que reduziu muito o consumo do nosso azeite de oliveiravisto que este quase não serve já para as luzes.

A maior parte das mercadorias expostas nas lojas são de procedência estrangeira. E o Governo Central a engulosar-se com os direitos de importação arrecadados nas alfândegas, não reparando em que o país empobrece de dia para dia! A diferença da importação sobre a exportação no reino foi de mais de 8 500 contos⁽¹⁾ no ano económico de 1885-86!

XXIX

Resta dar notícias de contribuições.

No relatório da Junta Geral do Distrito apresentado na sessão ordinária de Novembro deste ano encontro que fôra distribuído ao nosso concelho o seguinte:

Contingente da contribuição predial 7 790\$100

Não sei a quanto montam as contribuições industrial e sumptuária. E põem certo que àquela, assim como a estas, acrescem adicionalmente 40% para a viação geral, 2% para falhas e 5% da última adição - isto para o Estado.

Segundo o relatório da mesma Junta, apresentado na sessão de Novembro de 1885, lançou ela neste ano 10% adicionais para a viação distrital e outros 10 para os seus encargos gerais.

A Câmara, que já lançava 35% e agora votou mais 6 para sustento do julgado municipal em projecto, veio a lançar ao todo 41%. E assim temos já de adicionais 109% ou mais do que a verba principal do Estado!

Acrescente-se por último nas duas freguesias da vila e na de Bencatel mais 3% para as Juntas de Paróquia.

Por isto pode calcular-se que o nosso concelho não paga menos de 20 contos nas quatro espécies de contribuições: gerais, distritais, municipais e paroquiais!

(1) Nação, nº 10 904.

A Câmara, segundo o relatório citado em último lugar, devia pagar neste ano ao distrito:

Para expostos	1 251\$530
Para encargos gerais	245\$405
Para obras públicas distritais	132\$720

E bastará por este ano.

INDICE
DAS
MATÉRIAS CONTIDAS NESTE VIGESIMO PRIMEIRO FASCÍCULO

CAPÍTULO CXLVII - Crónica do ano de 1883. Imposto de consumo sobre o sal. Estreia nas novas contribuições paroquiais. Suspensão do imposto de consumo sobre os fumeiros dos particulares. Teatro na Esperança. Semana Santa. Geadas extraordinárias em Março. Projecto de aforamento do monte de El-Rei de Bencatel. Encerramento dos lagares de azeite. Primavera invernosa. Omissão da procissão de Corpus Christi. Extinção do Convento de Santa Cruz. Ampliação do Jardim da Lapa. Colheitas e frutos, raros e serôdios. Melhoramento do açougue do peixe. Continuação da estrada distrital nº 106. Introdução das moedas novas de cobre. Recrutamento. Eleições municipais, etc. Pontifical do Bispo da Guarda. Obras municipais. Uma freira de menos. Colheitas e preços dos géneros alimentícios. Uma surda-muda. 7

CAPÍTULO CXLVIII - Crónica do ano de 1884. Posse de Vereadores novos. Um inventário de órfãos. Restabelecimento da Comissão policial dos olivais. Arborização. Semana Santa. Trasladação de Nossa Senhora dos Prazeres. Primavera fria e chuvosa. Obras nos Paços do Concelho. Variola. Lotaria a favor do engradamento do jardim da Lapa. Não se faz a procissão de Corpo de Deus. Comício popular para se reclamarem do Governo beneficios à vila. Eleição de Deputados. Duas explosões fatais. Modificação do imposto do sal. Calores do estio. Medidas sanitárias por causa da peste. Escândalos da Junta Geral na aprovação dos orçamentos das Irmandades. Nova inauguração da estrada municipal de S. Romão. Calipolenses premiados na exposição agrícola da Tapada Real da Ajuda. Festas da Lapa e do Senhor da Piedade. Uvas. Preços dos cereais. Eclipse da lua. Contingente do recrutamento. Escola de erisino complementar. Exac-

ções fiscais do Real de água. Preparativos para uma visita do Príncipe D. Carlos. Neve. Preço do azeite e do vinho. Contribuições 24

CAPÍTULO CXLIX - Crónica do ano de 1885. Grandes frios em Janeiro. Apanho de azeitona em Março. Semana Santa. Pego de água no Alto Rossio. Teatro na Santa Cruz. Primeira comunhão de meninos. A vila sem tabelião. Feira de Maio. Procissão de Corpus Christi. Ponte da horta das Manas. Grande exportação de cal preta. Precauções contra a cólera. Venda de terreno da Igreja de S. Sebastião. Item da cerca de S. Paulo. Projecto de venda do Convento de Santa Cruz. Tentativa de nova distribuição do giro das levadas. Suspensão da feira de Agosto. Quermesses na festa da Lapa. Colheita de uvas e seu preço. Eleições administrativas. Plantação de vinhas novas na serra. Vinda do Príncipe Real. Luto e exéquias por El-Rei D. Fernando. Nova saída para S. Romão. Colheita. Empréstimo camarário 44

CAPÍTULO CL - Crónica do ano de 1886. Orçamento municipal. Omissão da feira de Janeiro. Frios. Novos administradores do concelho. Festa de S. José. Nova plantação de eucaliptos. Trovoadas na primavera. Festas da semana santa. Obras na Misericórdia. Venda de casas do Convento de S. Paulo. Festas pelo casamento do Príncipe D. Carlos. Folga dos comerciantes nos dias santificados. Afomoseamento da Praça Nova e mudança da fonte do Carrascal para o centro da mesma praça. Obras públicas em Bencatel. Ditas no cemitério municipal da Matriz. Projecto de um julgado municipal. Grandes calores no estio. Um homicídio frustrado e outro efectuado. Abertura da aula de ensino complementar. Reedificação e nova abertura da capela da Senhora dos Remédios. Príncipe D. Carlos nesta vila. Eleições municipais muito renhidas. Recrutamento. Vinda do Governador Civil. Fim do ano com grandes frios após chuvas bastas. Preço de diversos géneros. Considerações sobre a pobreza geral dos agricultores. Contribuições distritais 55

O PRÓXIMO FASCÍCULO SAÍRÁ EM DEZEMBRO

IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE
VILA VIÇOSA
TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

NOVEMBRO 1984

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congêneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

